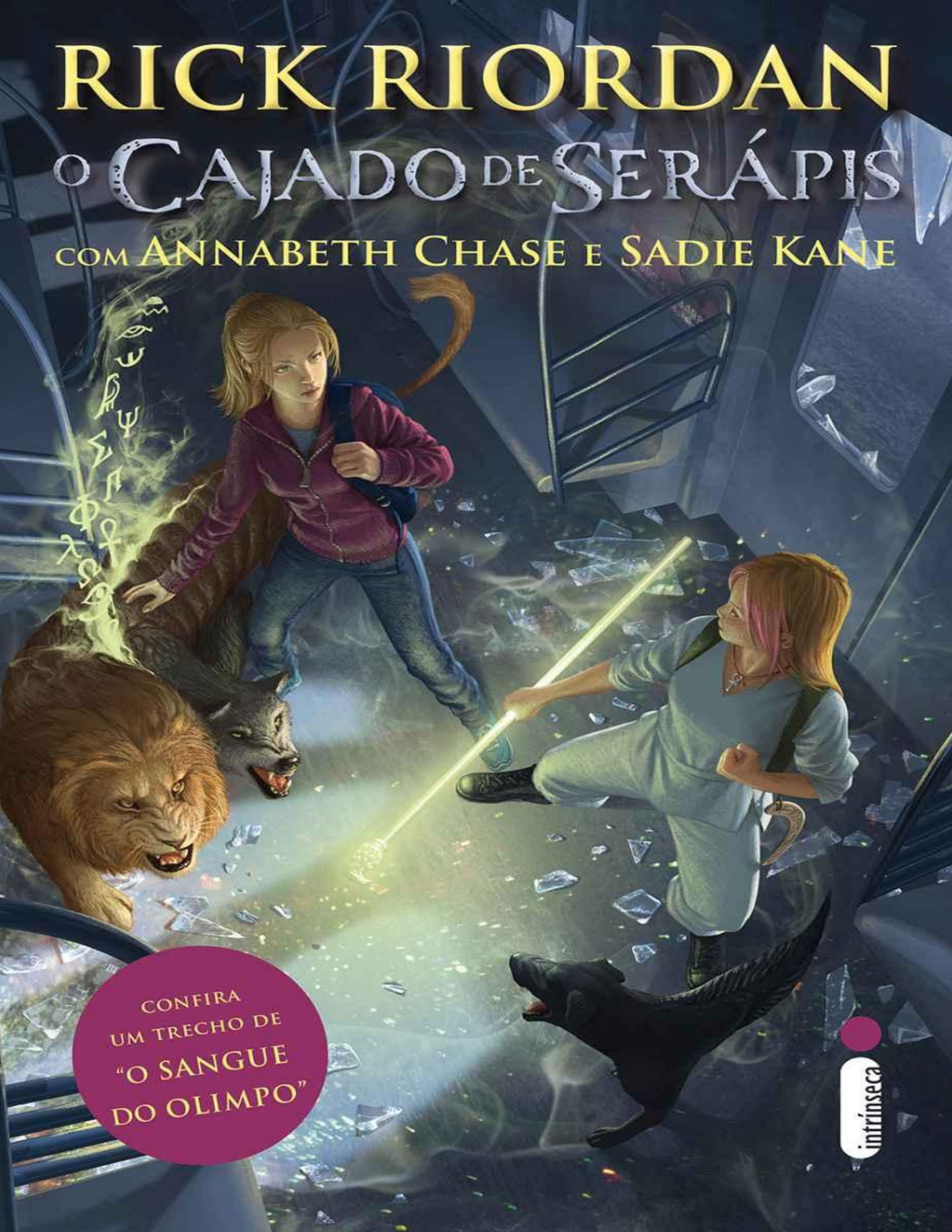
RICK RIORDAN

O CAJADO DE SERÁPIS

COM ANNABETH CHASE E SADIE KANE



CONFIRA UM TRECHO DE "O SANGUE DO OLIMPO"

intrínseca

Rick Riordan

O CAJADO DE SERÁPIS

UMA AVENTURA DE ANNABETH CHASE E SADIE KANE
TRADUÇÃO DE REGINA WINARSKI



Copyright © 2014 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, S.L.

TÍTULO ORIGINAL
The Staff of Serapis

REVISÃO
Juliana Pitanga

REVISÃO DE EPUB
Viviane Maurey

ILUSTRAÇÃO DOS HIERÓGLIFOS
Michelle Gengaro-Kokmen
Reproduzido com permissão da Disney Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

ARTE DE CAPA
Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-635-1

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br




intrínseca

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

O cajado de Serápis

Leia um trecho de O sangue do Olimpo

Sobre o autor
Saiba mais sobre as séries do autor
Títulos relacionados

Annabeth achava que o dia não podia piorar até o momento em que viu o monstro de duas cabeças.

Ela passou a manhã toda fazendo trabalhos atrasados da escola. (Faltar aulas com frequência para salvar o mundo de monstros e deuses gregos canalhas estava acabando com suas boas notas.) Depois, teve que dispensar um filme com o namorado, Percy, e alguns amigos, para poder concorrer a um estágio de férias de verão em uma empresa de arquitetura. Infelizmente, seu cérebro tinha virado papinha de bebê. Ela estava certa de que fora mal na entrevista.

Finalmente, por volta das quatro da tarde, quando se arrastava pelo parque da Washington Square a caminho da estação de metrô, ela pisou em uma bosta de vaca fresquinha.

Olhou com irritação para o céu.

— Hera!

Os pedestres olharam para ela com expressões esquisitas, mas Annabeth não se importou. Estava cansada das brincadeirinhas da deusa. Já tinha feito *tantas* missões para Hera, mas a rainha do céu continuava a deixar presentes de seu animal sagrado bem onde Annabeth podia pisar. A deusa devia ter um rebanho de vacas dissimuladas patrulhando Manhattan.

Quando chegou à estação da rua Quatro Oeste, Annabeth já estava mal-humorada e exausta e só queria pegar o trem F até a casa de Percy. Estava tarde para o cinema, mas talvez eles pudessem jantar ou fazer alguma outra coisa.

E, então, ela viu o monstro.

Annabeth já tinha visto muita coisa doida antes, mas aquela fera ia direto para a lista "O que os deuses estavam pensando?". Parecia um leão e um lobo grudados, colados de bunda em uma concha de caranguejo-ermitão.

A concha em si era uma espiral marrom, como uma casquinha de sorvete, com quase dois metros de comprimento e uma marca irregular no meio, como se tivesse rachado e depois sido colada de volta. Saindo de cima havia as pernas dianteiras e a cabeça de um lobo cinzento, à esquerda, e um leão de juba dourada, à direita.

Os dois animais não pareciam felizes por compartilhar a concha. Eles a arrastaram pela plataforma, ziguezagueando, enquanto um tentava ir para um lado e outro seguia para o lado oposto. Rosnaram um para o outro com irritação. Depois, pararam e farejaram o ar.

Passageiros seguiam direto. A maioria contornava o monstro e o ignorava. Alguns só franziam a testa ou pareciam irritados.

Annabeth já tinha visto a Névoa em ação muitas vezes, mas sempre ficava impressionada com a forma como o véu mágico era capaz de distorcer a visão mortal, tornando até o mais feroz dos monstros uma coisa explicável: um cachorro vadio ou talvez um sem-teto enrolado em um saco de dormir.

As narinas do monstro se dilataram. Antes que Annabeth pudesse decidir o que fazer, as duas cabeças se viraram e olharam diretamente para ela.

Annabeth buscou sua faca. Então se lembrou de que não tinha uma. No momento, sua arma mais mortal era a mochila, que estava lotada de pesados livros da biblioteca pública sobre arquitetura.

Ela acalmou a respiração. O monstro estava a quase dez metros de distância.

Lutar com um leão-lobo-caranguejo no meio de uma estação de metrô lotada não era sua primeira opção, mas, se fosse necessário, faria isso. Ela era filha de Atena.

Então encarou a fera, deixando claro que estava disposta a brigar.

— Pode vir, Caranguejo — disse ela. — Espero que você tenha alta tolerância à dor.

As cabeças de leão e de lobo mostraram os dentes. O chão tremeu. O ar correu pelo túnel enquanto um trem chegava.

O monstro rosnou para Annabeth. Ela poderia jurar que havia uma expressão de arrependimento nos olhos dele, como se pensando: *Eu adoraria partir você em pedacinhos, mas tenho um compromisso em outro lugar.*

Naquele momento, o bicho se virou e saiu andando, arrastando a enorme concha atrás. Ele desapareceu escada acima, na direção do trem A.

Por um momento, Annabeth ficou perplexa demais para se mexer. Poucas vezes ela tinha visto um monstro deixar um semideus em paz assim. Se houvesse chance, os monstros quase *sempre* atacavam.

Se aquele caranguejo-ermitão de duas cabeças tinha alguma coisa mais importante a fazer do que matá-la, Annabeth queria saber o que era. Não podia deixar o monstro seguir com seus planos nefastos e usar o transporte público sem pagar.

Ela olhou com tristeza para o trem F que a levaria para a casa de Percy, e saiu correndo escada acima, atrás do monstro.

* * *

Annabeth pulou no vagão quando as portas estavam se fechando. O trem se afastou da plataforma e mergulhou na escuridão. As luzes piscavam. Os passageiros se balançavam. Todos os assentos estavam tomados. Havia uns doze passageiros de pé, oscilando e segurando em barras e apoios de mão.

Annabeth só conseguiu ver o Caranguejo quando alguém mais adiante dela gritou:

— Cuidado, seu esquisito!

O lobo-leão-caranguejo estava abrindo caminho, rosnando para os mortais, mas os passageiros só agiam com a irritação comum vista no metrô de Nova York. Talvez eles vissem o monstro como um bêbado qualquer.

Annabeth foi atrás.

Quando Caranguejo abriu as portas para o vagão seguinte e a atravessou, Annabeth reparou que a concha cintilava levemente.

Estava assim antes? Símbolos vermelhos em neon giravam ao redor do monstro: letras gregas, signos astrológicos e pictogramas. *Hieróglifos egípcios*.

Um arrepio se espalhou entre as clavículas de Annabeth. Ela se lembrou de uma coisa que Percy lhe havia contado algumas semanas antes, sobre um encontro que tivera e que parecia tão impossível que ela supôs que ele estivesse brincando.

Mas agora…

Ela abriu caminho entre a multidão para seguir o Caranguejo até o vagão seguinte.

Não havia dúvidas de que a concha da criatura estava brilhando mais intensamente naquele momento. Quando Annabeth se aproximou, começou a se sentir enjoada. Teve uma sensação quente dentro de si, como se houvesse um anzol preso no umbigo, puxando-a para a direção do monstro.

Annabeth tentou se acalmar. Tinha dedicado a vida a estudar os espíritos da Grécia Antiga, os animais e os *daímons*. O conhecimento era sua maior arma. Mas essa coisa meio caranguejo de duas cabeças… Annabeth não tinha padrão de referência. Sua bússola interna estava girando sem chegar a lugar algum.

Ela desejou estar com mais gente. Estava com o celular, mas, mesmo se conseguisse sinal lá embaixo, para quem ligaria? A maioria dos semideuses não andava com celular. O sinal atraía monstros. Percy estava do outro lado da cidade. Quase todos os seus amigos estavam no Acampamento Meio-Sangue, na parte norte de Long Island.

O Caranguejo seguiu abrindo caminho para a parte da frente do trem.

Quando Annabeth o alcançou no vagão seguinte, a aura do monstro estava tão forte que até os mortais começaram a reparar. Muitos estavam com ânsia de vômito e encolhidos nas cadeiras, como se alguém tivesse aberto um armário cheio de refeições estragadas. Outros caíram desmaiados no chão.

Annabeth estava tão nauseada que sentiu vontade de recuar, mas a sensação de ser puxada por um anzol continuava em seu umbigo, levando-a na direção do monstro.

O trem entrou aos solavancos na estação da rua Fulton. Assim que as portas se abriram, todos os passageiros ainda conscientes saíram cambaleando. A cabeça de lobo do Caranguejo se esticou para uma senhora e, com os dentes, agarrou sua bolsa quando ela tentou fugir.

— Ei! — gritou Annabeth.

O monstro soltou a mulher.

Os dois pares de olhos grudaram em Annabeth, como se pensando: *Quer morrer?*

Em seguida, ele jogou as cabeças para trás e rugiu em harmonia. O som atingiu Annabeth como um furador de gelo entre os olhos. As janelas do vagão racharam. Mortais que haviam desmaiado voltaram à consciência num susto. Alguns conseguiram sair rastejando pelas portas. Outros pularam pelas janelas quebradas.

Com a visão embaçada, Annabeth viu o monstro agachado, apoiado nas patas da frente, diferentes entre si, pronto para pular.

O tempo ficou mais devagar. Ela percebeu vagamente as portas com vidros quebrados se fechando, o trem então vazio saindo da estação. Seria possível que o condutor não tivesse percebido o que estava acontecendo? Seria possível que o trem estivesse seguindo no piloto automático?

Agora a apenas três metros dele, Annabeth reparou em outros detalhes do monstro. A aura vermelha parecia brilhar mais na marca da concha. Letras gregas e hieróglifos egípcios cintilantes jorravam como gás vulcânico de uma fissura no fundo do mar. A pata dianteira esquerda do leão estava raspada no pulso e tinha tatuada uma série de listras pretas pequenas. Dentro da orelha esquerda do lobo havia uma etiqueta de preço que marcava U$99,99.

Annabeth segurou a alça da mochila. Estava prestes a jogá-la no monstro, mas não seria uma boa arma. Por isso, ela usou

sua tática de sempre ao encarar um inimigo mais forte: começou a falar.

— Você é feito de duas partes diferentes — disse ela. — Parecem… pedaços de uma estátua que ganhou vida. Vocês foram fundidos um com o outro?

Era pura conjectura, mas o rugido do leão fez Annabeth achar que tinha acertado na mosca. O lobo mordiscou a bochecha do leão como se mandando-o calar a boca.

— Vocês não estão acostumados a trabalhar juntos — sugeriu Annabeth. — Sr. Leão, o senhor tem um número de identificação na pata. Era um artefato de museu. Talvez do Met?

O leão rugiu tão alto que os joelhos de Annabeth tremeram.

— Acho que isso é um sim. E senhor, sr. Lobo… essa etiqueta na orelha… o senhor estava à venda em alguma loja de antiguidades?

O lobo rosnou e deu um passo na direção dela.

Enquanto isso, o trem continuou seguindo para o rio East. O vento frio entrava pelas janelas quebradas e fez Annabeth bater os dentes.

Todos os instintos a mandavam correr, mas suas juntas pareciam estar se dissolvendo. A aura do monstro foi ficando mais intensa e enchendo o ar com símbolos enevoados e luz sangrenta.

— Você… você está ficando mais forte — reparou Annabeth. — Está indo a algum lugar, não é? E quanto mais perto chega…

As cabeças do monstro rosnaram de novo em harmonia. Uma onda de energia vermelha se espalhou pelo vagão. Annabeth precisou lutar para ficar consciente.

Caranguejo chegou mais perto. A concha se expandiu, com a fissura no centro ardendo como ferro derretido.

— Calma — gemeu Annabeth. — Eu… entendi agora. Você ainda não terminou. Está procurando por uma outra parte. Uma terceira cabeça?

O monstro parou. Os olhos brilharam com atenção, como se dizendo: *Você andou lendo meu diário?*

A coragem de Annabeth aumentou. Ela estava finalmente entendendo o inimigo. Já tinha enfrentado muitas criaturas de três cabeças antes. Quando se tratava de seres míticos, *três* era uma espécie de número mágico. Fazia sentido esse monstro ter outra cabeça.

Caranguejo era algum tipo de estátua dividida em pedaços. Só que alguma coisa o tinha despertado. Ele estava tentando se regenerar.

Annabeth concluiu que não podia deixar aquilo acontecer. Os hieróglifos e letras gregas vermelhas e brilhantes flutuavam ao redor dele como um pavio em chamas, irradiando uma magia que parecia fundamentalmente *errada*, como se dissolvesse devagar a estrutura celular de Annabeth.

— Você não é exatamente um monstro grego, é? — arriscou ela. — É do Egito?

Caranguejo não gostou desse comentário. Ele mostrou os dentes e se preparou para atacar.

— Opa, rapaz — disse ela. — Você ainda não está com força total, está? Se me atacar agora, vai perder. Afinal, vocês dois não confiam um no outro.

O leão inclinou a cabeça e rugiu.

Annabeth fingiu uma expressão de choque.

— Sr. Leão! Como pode dizer isso sobre o sr. Lobo?

O leão piscou, sem entender.

O lobo olhou para o leão e rosnou com desconfiança.

— Sr. Lobo! — Annabeth ofegou. — O senhor não devia usar esse tipo de linguajar para falar de seu amigo!

As duas cabeças se viraram uma para a outra, mordendo e uivando. O monstro oscilou quando as patas dianteiras seguiram em direções opostas.

Annabeth sabia que só conseguira ganhar alguns segundos. Ela vasculhou a mente, tentando descobrir o que aquela criatura era e como poderia derrotá-la, mas aquilo era diferente de tudo o que ela conseguia se lembrar das aulas no Acampamento Meio-Sangue.

Ela considerou ir para trás do monstro, para talvez tentar quebrar a concha, mas, antes de poder fazer isso, o trem diminuiu a velocidade. Eles pararam na estação da rua High, a primeira parada do Brooklyn.

A plataforma estava estranhamente vazia, mas um brilho de luz ao lado da escada de saída chamou a atenção de Annabeth. Uma jovem loura de roupas brancas brandia um cajado de madeira para tentar bater em um animal estranho que corria ao

redor das pernas dela, latindo com raiva. Dos ombros para cima, a criatura parecia um labrador preto, mas o fim das costas era só uma ponta estreita, como a cauda calcificada de um girino.

Annabeth teve tempo de pensar: *A terceira parte.*

E então a garota loura bateu no focinho do cachorro. O cajado emitiu luz dourada, e o cachorro se lançou para trás, direto por uma janela quebrada na extremidade do vagão de Annabeth.

A garota loura foi atrás. Pulou, passando pelas portas que se fechavam na hora em que o trem ia sair da estação.

Por um momento, todos ficaram ali, duas garotas e dois monstros.

Annabeth examinou a garota na outra ponta do vagão e tentou avaliar o nível de ameaça.

A recém-chegada usava uma calça de linho branco e blusa combinando, como um uniforme de caratê. Os coturnos com bicos de aço pareciam capazes de provocar grande dano em uma luta. Carregava uma mochila azul de náilon pendurada no ombro esquerdo com uma vara curva de marfim — um bumerangue? — pendurada na alça. Mas a arma mais intimidante da garota era o cajado de madeira branca, com mais ou menos um metro e meio e com a cabeça de uma águia entalhada. Ele cintilava, como bronze celestial.

Annabeth olhou nos olhos da garota e foi tomada por uma sensação de déjà-vu.

A Garota Caratê não devia ter mais de treze anos. Os olhos eram azuis brilhantes, como dos filhos de Zeus. Os cabelos louros compridos tinham mechas roxas. Ela se parecia muito com uma filha de Atena — pronta para o combate, rápida, alerta e destemida. Annabeth sentiu como se estivesse vendo a si mesma de quatro anos antes, por volta da época em que conheceu Percy Jackson.

Mas a Garota Caratê falou e afastou essa fantasia.

— Certo. — Ela soprou uma mecha roxa do rosto. — Como se meu dia já não estivesse esquisito o suficiente.

Britânica, pensou Annabeth. Mas não teve tempo para refletir sobre isso.

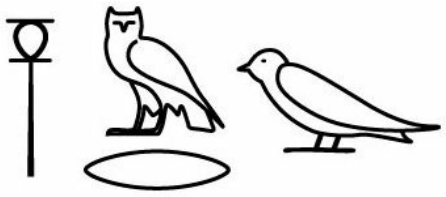
O cachorro-girino e o Caranguejo tinham ficado no centro do vagão, a uns cinco metros de distância, olhando um para o outro com surpresa. Mas, no momento, eles já haviam superado o choque. O cachorro uivou, um grito triunfante de *Encontrei você!* E o leão-lobo-caranguejo correu para se encontrar com o outro monstro.

— Detenha-os! — gritou Annabeth.

Ela pulou nas costas de Caranguejo, e as patas da frente desabaram pelo peso adicional.

A outra garota gritou alguma coisa que pareceu "*Mar!*"

Uma série de hieróglifos dourados brilhou no ar:



A criatura canina cambaleou para trás, engasgando como se tivesse engolido uma bola de bilhar.

Annabeth lutou para segurar Caranguejo, mas a fera tinha o dobro de seu peso. O monstro se ergueu nas patas dianteiras para tentar jogá-la longe. As duas cabeças se viraram para morder o rosto dela.

Felizmente, ela já havia colocado rédeas em muitos pégasos selvagens no Acampamento Meio-Sangue. Annabeth conseguiu manter o equilíbrio enquanto tirava a mochila. Bateu com dez quilos de livros de arquitetura na cabeça do leão e passou a alça pela boca do lobo, puxando-a com força.

Enquanto isso, o trem emergiu para a luz do sol. Eles sacudiram pelos trilhos elevados do Queens, com ar fresco entrando pelas janelas quebradas e caquinhos de vidro dançando nos assentos.

Com o canto do olho, Annabeth viu o cachorro se recuperar do acesso de engasgo. Ele pulou na Garota Caratê, que lançou o bumerangue de marfim e acertou o monstro com outro raio dourado.

Annabeth desejou ser capaz de gerar raios dourados. Tudo que tinha era uma mochila idiota. Ela fez o melhor para dominar o Caranguejo, mas o monstro parecia ficar mais forte a cada segundo enquanto a aura vermelha da coisa enfraquecia Annabeth. Sua cabeça parecia cheia de algodão. O estômago deu um nó.

Ela perdeu a noção do tempo enquanto lutava com a criatura. Só sabia que não podia deixar aquilo se acoplar à coisa com

cabeça de cachorro. Se o monstro virasse um sei lá o quê de três cabeças, talvez fosse impossível detê-lo.

O cachorro atacou a Garota Caratê de novo. Dessa vez, derrubou-a. Annabeth, distraída, não conseguiu se segurar no monstro caranguejo, e ele a jogou longe. Ela bateu com a cabeça na beirada de uma cadeira.

Suas orelhas estalaram quando a criatura rugiu em triunfo. Uma onda de energia quente e vermelha se espalhou pelo vagão. O trem tombou para o lado, e Annabeth voou como se não existisse força da gravidade.

* * *

— Vamos levantar — disse uma voz de garota. — Temos que sair daqui.

Annabeth abriu os olhos. O mundo girava. Sirenes de emergência berravam ao longe.

Ela estava deitada de costas sobre uma grama espinhosa, a garota loura do trem inclinada sobre ela, puxando seu braço.

Annabeth conseguiu se sentar. Sentia como se alguém tivesse martelado pregos quentes em sua caixa torácica. Quando sua visão clareou, ela se deu conta de que tinha sorte de estar viva. A aproximadamente cinquenta metros de distância, o trem do metrô tinha saído dos trilhos. Os vagões estavam caídos de lado em um zigue-zague de ruína quebrada e fumegante que fez Annabeth se lembrar da carcaça de um *drakon* (infelizmente, ela tinha visto várias).

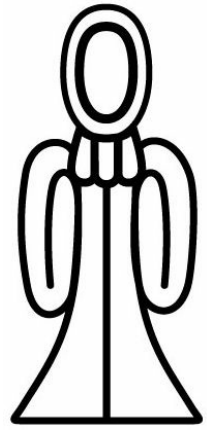
Ela não viu mortais feridos. Com sorte, todos tinham saído do trem na estação da rua Fulton. Mesmo assim… que desastre.

Annabeth reconheceu onde estava: na praia Rockaway. Algumas dezenas de metros à esquerda, terrenos vazios e cercas de arame amassadas levavam a uma praia de areia amarela cheia de piche e lixo. O mar se agitava sob um céu nublado. À direita de Annabeth, depois dos trilhos do trem, havia uma sequência de prédios residenciais tão malcuidados que podiam ser prédios inventados feitos de embalagens velhas de geladeira.

— Alôôô!! — A Garota Caratê sacudiu o ombro dela. — Sei que você deve estar em estado de choque, mas temos que ir. Não quero ser interrogada pela polícia carregando *essa* coisa.

A garota se afastou para a esquerda. Atrás dela, no asfalto rachado, o monstro labrador preto pulava como um peixe fora d'água, com o focinho e as patas presos com uma corda dourada cintilante.

Annabeth olhou para a garota mais nova. Ao redor do pescoço dela brilhava uma corrente com um amuleto prateado, um símbolo que era uma mistura de *ankh* egípcio com um biscoitinho com forma de menino.



Ao lado dela estavam o cajado e o bumerangue de marfim, ambos entalhados com hieróglifos e imagens de monstros estranhos e *nada* gregos.

— Quem *é* você? — perguntou Annabeth.

Um sorriso surgiu no canto da boca da garota.

— Normalmente, não digo meu nome para estranhos. Vulnerabilidade mágica, essas coisas. Mas tenho que respeitar uma pessoa que luta contra um monstro de duas cabeças com apenas uma mochila. — Ela estendeu a mão. — Sadie Kane.

— Annabeth Chase.

Elas se cumprimentaram.

— É um prazer conhecer você, Annabeth — disse Sadie. — Agora vamos levar nosso cachorro para passear, certo?

* * *

Elas saíram bem na hora.

Em poucos minutos, veículos de socorro cercaram os restos do trem e um grupo de espectadores vindos dos prédios próximos se reuniu.

Annabeth estava mais enjoada do que nunca. Pontos vermelhos dançavam diante de seus olhos, mas ainda assim ela ajudou Sadie a arrastar a criatura canina de costas pelo rabo para as dunas de areia. Sadie pareceu ter prazer em puxar o monstro por cima de todas as pedras e garrafas quebradas que encontrava.

A fera rosnava e se contorcia. A aura vermelha brilhava mais intensamente, enquanto a corda dourada parecia se apagar.

Normalmente, Annabeth gostava de andar na praia. O oceano lembrava Percy. Mas naquele dia estava com fome e exausta. A mochila ia ficando mais pesada a cada momento, e a magia da criatura canina provocava-lhe ânsia de vômito.

Além disso, a praia Rockaway era um lugar depressivo. Um furacão gigantesco tinha passado ali mais de um ano antes, e os danos ainda eram visíveis. Alguns dos prédios residenciais ao longe foram reduzidos a blocos, com as janelas tapadas por madeira e paredes de concreto pichadas. Madeira podre, pedaços de asfalto e metal retorcido sujavam a praia. As colunas de um píer destruído se projetavam da água. O próprio mar atormentava a costa com ressentimento, como se dizendo: *Não me ignore. Posso sempre voltar e terminar o serviço.*

Finalmente, eles chegaram a uma van de venda de sorvete abandonada meio afundada nas dunas. Pintadas na lateral, imagens apagadas de outrora guloseimas saborosas fizeram o estômago de Annabeth roncar em protesto.

— Tenho que parar — murmurou ela.

Ela largou o monstro canino e cambaleou até a van, depois deslizou com as costas na porta do passageiro.

Sadie se sentou de pernas cruzadas de frente para ela. Remexeu em sua mochila e pegou um frasco de cerâmica fechado por uma rolha.

— Aqui. — Ela entregou para Annabeth. — É delicioso. Beba.

Annabeth observou o frasco com cautela. Estava pesado e quente, como se cheio de café.

— Hum… isso não vai soltar nenhum raio dourado, e *cabrum*!, na minha cara?

Sadie riu com deboche.

— É só uma poção curativa, boba. Uma amiga minha, Jaz, prepara a melhor do mundo.

Annabeth ainda estava hesitante. Já tinha experimentado poções antes, preparadas pelos filhos de Hécate. Normalmente, tinham gosto de sopa de água suja, mas pelo menos eram feitas para funcionar em semideuses. O que havia naquele frasco definitivamente não era.

— Não sei se devo experimentar — disse ela. — Eu… não sou como você.

— *Ninguém* é como eu — concordou Sadie. — Sou maravilhosa de uma forma única. Mas, se você quer dizer que não é mágica, bem, dá para *ver* isso. Normalmente, nós lutamos com cajados e varinhas. — Ela bateu na vara branca entalhada e no bumerangue de marfim a seu lado. — Mesmo assim, acho que minhas poções devem funcionar em você. Você lutou com um monstro. Sobreviveu àquele acidente de trem. *Não pode* ser normal.

Annabeth riu fracamente. Achou a prepotência da garota de certo modo revigorante.

— Não, definitivamente não sou normal. Sou uma semideusa.

— Ah. — Sadie bateu com os dedos na varinha curva. — Desculpe, isso é novidade para mim. Uma *sem deusa*?

— Semideusa — corrigiu Annabeth. — Meio deusa, meio mortal.

— Ah, certo. — Sadie respirou aliviada. — Já hospedei Ísis em minha cabeça várias vezes. Quem é *seu* amigo especial?

— Meu… não. Eu não *hospedo* ninguém. Minha mãe é uma deusa grega, Atena.

— Sua mãe.

— É.

— Uma deusa. Uma deusa *grega*.

— É. — Annabeth reparou que a nova amiga estava pálida. — Acho que não deve ter esse tipo de coisa, hã, no lugar de onde você é.

— No Brooklyn? — refletiu Sadie. — Não. Acho que não. Nem em Londres. Nem em Los Angeles. Não me lembro de ter conhecido *semideuses* gregos em nenhum desses lugares. Mesmo assim, quando alguém já enfrentou babuínos mágicos, deusas gatas e anões de sunga, não se surpreende com facilidade.

Annabeth não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Anões de sunga?

— Aham. — Sadie olhou para o monstro canino, ainda se contorcendo com as amarras douradas. — Mas o problema é o seguinte. Alguns meses atrás, minha mãe me avisou. Ela me disse para tomar cuidado com outros deuses e outros tipos de magia.

O frasco nas mãos de Annabeth pareceu ficar mais quente.

— Outros deuses. Você mencionou Ísis. Ela é a deusa egípcia da magia. Mas… não é a sua mãe?

— Não — disse Sadie. — Quer dizer, sim. Ísis é a deusa egípcia da magia. Mas não é minha mãe. Minha mãe é um fantasma. Bem… ela era maga na Casa da Vida, como eu, mas morreu, então…

— Só um segundo.

A cabeça de Annabeth estava latejando tanto que ela achou que nada poderia deixá-la pior. Ela abriu o frasco e bebeu a poção toda.

Estava esperando sopa de água suja, mas o gosto na verdade era de suco morno de maçã. Sua visão clareou imediatamente. O estômago acalmou.

— Uau — disse ela.

— Eu falei. — Sadie deu um sorrisinho arrogante. — Jaz é uma tremenda farmacêutica.

— Você estava dizendo… Casa da Vida. Magia egípcia. Você é como o garoto que meu namorado conheceu.

O sorriso de Sadie desmoronou.

— Seu namorado… conheceu uma pessoa como eu? Outro mago?

A poucos metros de distância, a criatura canina rosnou e se debateu. Sadie não pareceu preocupada, mas Annabeth estava de olho em como estava ficando fraco o brilho da corda mágica.

— Foi algumas semanas atrás — contou Annabeth. — Percy me contou uma história maluca sobre ter conhecido um garoto perto da baía Moriches. Aparentemente, o garoto usava hieróglifos para fazer feitiços. Ele ajudou Percy a lutar contra um grande monstro crocodilo.

— O filho de Sobek! — soltou Sadie. — Mas meu *irmão* lutou contra esse monstro. Ele não disse nada sobre…

— Seu irmão se chama Carter? — perguntou Annabeth.

Uma aura dourada furiosa brilhou ao redor da cabeça de Sadie, um halo de hieróglifos que pareciam carrancas, punhos e bonecos de palito mortos.

— A partir desse momento — rosnou Sadie —, o nome do meu irmão é Saco de Pancadas. Parece que ele não anda me contando tudo.

— Ah. — Annabeth teve que lutar contra a vontade de chegar para o lado e afastar-se da nova amiga. Tinha medo de que aqueles hieróglifos furiosos e cintilantes explodissem. — Que chato. Foi mal.

— Não — disse Sadie. — Eu vou gostar de dar na cara do meu irmão. Mas, primeiro, me conte tudo: sobre você, os semideuses, os gregos e qualquer outra coisa que possa ter a ver com esse nosso amigo canino do mal.

Annabeth contou o que podia.

Normalmente, não saía confiando em quem aparecia, mas tinha muita experiência interpretando pessoas. Ela gostou de Sadie imediatamente: os coturnos, as mechas roxas, a forma de agir… Pela experiência de Annabeth, pessoas não confiáveis não eram tão abertas sobre querer dar na cara de alguém. Com certeza não ajudavam uma estranha inconsciente e não davam poção curativa.

Annabeth descreveu o Acampamento Meio-Sangue. Contou algumas das aventuras em que lutou contra deuses, gigantes e Titãs. Explicou como viu o caranguejo-leão-lobo de duas cabeças na estação da rua Quatro Oeste e decidiu ir atrás dele.

— E aqui estou — encerrou Annabeth.

A boca de Sadie tremeu. Parecia que ela ia começar a gritar ou chorar. Em vez disso, teve um acesso de risadinhas.

Annabeth franziu a testa.

— Eu falei alguma coisa engraçada?

— Não, não… — Sadie riu. — Bem… é um *pouco* engraçado. Quero dizer, estamos sentadas em uma praia falando sobre deuses gregos. E um acampamento para semideuses e…

— É tudo verdade!

— Ah, eu acredito em você. É ridículo demais para *não* ser verdade. É só que cada vez que meu mundo fica mais estranho, eu penso: *Certo. Chegamos ao máximo da esquisitice agora. Pelo menos sei até onde as coisas estranhas podem ir.* Primeiro, descubro que eu e meu irmão somos descendentes dos faraós e temos poderes mágicos. Tudo bem. Sem problema.

Depois, descubro que meu pai, que já estava morto, fundiu a alma com Osíris e se tornou senhor dos mortos. Brilhante! Por que não? E, então, meu tio assume a Casa da Vida e supervisiona centenas de magos por todo o mundo. Em seguida, meu namorado acaba se revelando um híbrido de garoto mago/deus imortal dos funerais. E o tempo todo, estou pensando: *Claro! Fique calma e siga em frente! Eu me ajustei!* Aí você aparece em uma quinta-feira qualquer, la-ri-rá, e diz: *Ah, a propósito, os deuses egípcios são só uma pequena parte do absurdo cósmico. Também temos os gregos com quem nos preocupar. Viva!*

Annabeth não conseguiu acompanhar tudo o que Sadie disse (um namorado deus funerário?), mas tinha que admitir que rir de tudo aquilo era mais saudável do que se encolher e chorar.

— Tudo bem — admitiu ela. — Tudo parece meio louco, mas acho que faz sentido. Meu professor Quíron… há anos ele vem dizendo para mim que os deuses antigos são imortais por serem parte do tecido da civilização. Se os deuses gregos podem existir por todos esses milênios, por que não poderiam os egípcios?

— Quanto mais, melhor — concordou Sadie. — Mas, hum, e esse cachorrinho? — Ela pegou uma conchinha e jogou na cabeça do monstro labrador, que rosnou de irritação. — Em um minuto, ele está sentado na mesa de nossa biblioteca, um artefato inofensivo, um fragmento de pedra de alguma estátua, é o que achamos. No minuto seguinte, ganha vida e sai correndo da Brooklyn House. Destrói nossas barreiras mágicas, passa pelos pinguins de Felix e se livra dos meus feitiços como se não fossem nada.

— Pinguins? — Annabeth balançou a cabeça. — Não. Esqueça que perguntei.

Ela observou a criatura canina que lutava contra as amarras. Letras gregas e hieróglifos vermelhos giravam ao redor dele como se tentando formar novos símbolos, uma mensagem que Annabeth quase conseguia ler.

— Essas cordas vão aguentar? — perguntou ela. — Parecem frágeis.

— Não esquenta — garantiu Sadie. — Essas cordas já prenderam deuses. E não eram deuses pequenos. Eram dos bem grandões.

— Hã, tá. Então você disse que o cachorro era parte de uma estátua. Alguma ideia de *qual* estátua?

— Nenhuma. — Sadie deu de ombros. — Cleo, nossa bibliotecária, estava pesquisando isso quando o Fido aqui acordou.

— Mas tem que ter alguma ligação com o outro monstro, com cabeças de lobo e de leão. Tive a impressão de que elas também haviam acabado de ganhar vida. Elas se fundiram e não estavam acostumadas a trabalhar em equipe. Entraram no trem em busca de alguma coisa, provavelmente esse cachorro.

Sadie mexeu no pingente prateado.

— Um monstro com três cabeças: de leão, de lobo e de cachorro. Todas saindo de… o que era aquela coisa com forma de cone? Uma concha? Uma tocha?

A cabeça de Annabeth começou a girar de novo. *Uma tocha.*

Ela teve um vislumbre de uma lembrança distante, talvez uma imagem que vira em um livro. Não tinha pensado que o cone do monstro podia ser algo que dava para segurar, alguma coisa que coubesse em uma mão enorme. Mas não exatamente uma tocha…

— É um cetro — percebeu Annabeth. — Não lembro qual deus o segurava, mas o cajado de três cabeças era seu símbolo. Ele era… grego, eu acho, mas também era de algum lugar no Egito…

— Alexandria — sugeriu Sadie.

Annabeth ficou olhando para ela.

— Como você sabe?

— Bem, é verdade que não sou maluca por história como meu irmão, mas *estive* em Alexandria. Eu me lembro de ter sido a capital onde os gregos governaram o Egito. Alexandre, o Grande, não era?

Annabeth assentiu.

— Isso mesmo. Alexandre conquistou o Egito e, depois que morreu, seu general, Ptolomeu, assumiu. Ele queria que os egípcios o aceitassem como faraó, então misturou os deuses egípcios e gregos e inventou deuses novos.

— Parece confuso — disse Sadie. — Prefiro meus deuses não misturados.

— Mas tinha um deus em particular… Não consigo lembrar seu nome. A criatura de três cabeças ficava no topo do cetro dele…

— Bem grande esse cetro — observou Sadie. — Não quero conhecer o sujeito que o carrega por aí.

— Ah, deuses. — Annabeth se empertigou. — É isso! O cajado não está apenas tentando se remontar. Está tentando encontrar seu dono.

Sadie fez expressão de escárnio.

— Não gosto nada disso. Precisamos garantir…

O monstro canino uivou. A corda mágica explodiu como uma granada e cobriu a praia de estilhaços dourados.

* * *

A explosão fez Sadie sair rolando pelas dunas como uma bola de feno.

Annabeth foi jogada contra a van de sorvete. Seus membros viraram chumbo. Todo o ar foi arrancado dos pulmões.

Se a criatura canina quisesse matá-la, teria conseguido isso facilmente.

Mas ele correu para longe do mar e desapareceu em meio às plantas.

Annabeth, por instinto, procurou uma arma. Pegou com força a varinha curva de Sadie. A dor a fez ofegar. O marfim queimava como gelo seco. Ela tentou soltar, mas a mão não obedeceu. Ela então viu a varinha soltar fumaça e mudar de forma, até a queimadura diminuir e uma adaga de bronze celestial aparecer, igual à que carregava havia anos.

Ela ficou olhando para a lâmina. Depois ouviu gemidos vindos das dunas ali perto.

— Sadie!

Annabeth lutou para ficar de pé.

Quando chegou à maga, Sadie estava sentada cuspindo areia. Tinha algas no cabelo, e a mochila estava enrolada em um dos coturnos, mas ela parecia mais furiosa do que ferida.

— Fido idiota! — rosnou ela. — Nada de biscoitos para ele! — Ela franziu a testa para a faca de Annabeth. — Onde você conseguiu isso?

— Hã… é sua varinha — disse Annabeth. — Eu a peguei e… sei lá. Ela mudou de forma para a adaga que costumo usar.

— Ah. Bem, itens mágicos têm vontade própria. Fique com ela. Tenho mais em casa. Agora, para que lado Fido foi?

— Para lá.

Annabeth apontou com a lâmina nova.

Sadie olhou na direção e arregalou os olhos.

— Ah… certo. Na direção da tempestade. Isso é novidade.

Annabeth seguiu o olhar dela. Depois dos trilhos do metrô, não via nada além de um prédio residencial abandonado, cercado e esquecido, sob um céu do fim de tarde.

— Que tempestade?

— Você não está vendo? — perguntou Sadie. — Espere.

Ela soltou a mochila do coturno e remexeu no que carregava. Tirou outro frasco de cerâmica, esse mais largo e achatado, como um pote de creme para o rosto. Destampou e pegou um pouco de gosma rosa.

— Me deixe passar um pouco disso nas suas pálpebras.

— Uau, isso merece levar um *não* automático.

— Não seja fresca. É totalmente inofensivo… bem, para magos. Provavelmente para semideuses também.

Annabeth não ficou tranquilizada, mas fechou os olhos. Sadie espalhou a gosma, que formigou e esquentou como uma pomada de mentol.

— Pronto — disse Sadie. — Pode olhar agora.

Annabeth abriu os olhos e levou um susto.

O mundo estava banhado de cores. O chão tinha ficado transparente, com camadas gelatinosas que levavam à escuridão abaixo. O ar estava coberto de véus cintilantes, todos vibrantes, mas ligeiramente sem sincronia, como se múltiplos vídeos de alta definição tivessem sido sobrepostos. Hieróglifos e letras gregas giravam ao redor dela, se fundindo e explodindo ao colidir. Annabeth sentiu como se estivesse vendo o mundo em nível atômico. Tudo que era invisível foi revelado, pintado com luz mágica.

— Você… vê assim o tempo todo?

Sadie riu com escárnio.

— Pelos deuses do Egito, não! Eu ficaria maluca. Tenho que me concentrar para ver o Duat. É isso que você está fazendo, espiando o lado mágico do mundo.

— Eu… — Annabeth hesitou.

Annabeth costumava ser uma pessoa confiante. Sempre que lidava com mortais comuns, tinha a arrogante certeza de que detinha conhecimentos secretos. Ela entendia o mundo de deuses e monstros. Os mortais não faziam ideia. Mesmo com os outros semideuses, Annabeth era quase sempre a veterana mais experiente. Ela havia feito mais do que a maioria dos heróis sonhava, e havia sobrevivido a tudo.

Agora, olhando para aquelas cortinas de cores em movimento, Annabeth sentiu como se voltasse aos seis anos, aprendendo como o mundo era terrível e perigoso.

Ela se sentou com força na areia.

— Não sei o que pensar.

— Não pense — aconselhou Sadie. — Respire. Seus olhos vão se habituar. É meio como nadar. Se você deixar o corpo assumir, vai saber o que fazer instintivamente. Se entrar em pânico, vai se afogar.

Annabeth tentou relaxar.

Assim, começou a discernir padrões no ar: correntes fluindo entre camadas da realidade, trilhas de vapor de magia emanando de carros e prédios. O local do acidente de trem brilhava em um tom verde. Sadie tinha uma aura dourada com plumas enevoadas se espalhando atrás de si como asas.

No local onde o monstro canino estava deitado antes de fugir, o chão fumegava como carvões quentes. Filetes carmesim fluíam dali, seguindo na direção em que o monstro fugiu.

Annabeth se concentrou no prédio abandonado ao longe, e seus batimentos cardíacos dobraram. A torre emitia de seu interior um tom vermelho, a luz escapava pelas janelas cobertas de tábuas, irradiando pelas rachaduras nas paredes arruinadas. Nuvens pretas giravam acima, e mais filetes de energia vermelha fluíam na direção do prédio vindos de toda a paisagem, como se atraídos para um vórtice.

A cena fez Annabeth se lembrar de Caríbdis, o monstro que suga água e gera redemoinhos que ela encontrou no Mar de Monstros. Não era uma lembrança feliz.

— Aquele prédio — disse ela. — Está atraindo luz vermelha de todos os lados.

— Exatamente — confirmou Sadie. — Na magia egípcia, vermelho é ruim. Representa o mal e o caos.

— Então é para lá que o monstro canino está indo — supôs Annabeth. — Para se fundir com a outra peça do cetro…

— E para encontrar seu dono, eu arriscaria.

Annabeth sabia que devia se levantar. Elas tinham que correr. Mas, ao olhar para as camadas rodopiantes de magia, teve medo de se mexer.

A vida toda ela ouviu sobre a Névoa, o limite mágico que separava o mundo mortal do mundo dos monstros e deuses gregos. Mas nunca tinha pensado na Névoa como uma cortina de verdade.

Como Sadie tinha chamado… o *Duat*?

Annabeth se perguntou se a Névoa e o Duat tinham relação entre si, ou se eram talvez até a mesma coisa. O número de véus que ela conseguia ver era opressor, como uma tapeçaria que ia se dobrando cem vezes.

Ela não acreditava que pudesse ficar de pé. *Se entrar em pânico, vai se afogar.*

Sadie ofereceu a mão. Seus olhos estavam cheios de solidariedade.

— Olhe, eu sei que é muito, mas nada mudou. Você ainda é a mesma forte semideusa que usa mochilas como arma. E, agora, ainda tem uma linda adaga.

Annabeth sentiu o sangue subir ao rosto. Normalmente, seria ela a fazer o discurso animador.

— Sim. Sim, claro. — Ela aceitou a mão de Sadie. — Vamos encontrar esse deus.

* * *

Uma cerca de arame contornava o prédio, mas elas se espremeram por uma abertura e seguiram por um campo tomado de mato e pedaços de concreto.

O efeito da gosma encantada nos olhos de Annabeth dava a impressão de estar passando. O mundo não parecia mais tão cheio de camadas e caleidoscópico, mas não tinha problema. Ela não precisava de visão especial para saber que a torre estava repleta de magia ruim.

De perto, o brilho vermelho das janelas estava ainda mais radiante. Os pedaços de compensado estalavam. As paredes de tijolos emitiam ruídos. Hieróglifos de pássaros e bonecos palito se formavam no ar e flutuavam para dentro. Até a pichação

parecia vibrar nas paredes, como se os símbolos estivessem tentando ganhar vida.

A força da coisa que havia dentro do prédio também atraía Annabeth, da mesma forma que o Caranguejo no trem.

Ela segurou a nova adaga de bronze e percebeu que era pequena e curta demais para oferecer poder ofensivo. Mas era por isso que Annabeth *gostava* de adagas: elas a mantinham concentrada. Uma filha de Atena nunca devia depender de uma faca se pudesse usar o cérebro. A inteligência vencia guerras, não a força bruta.

Infelizmente, o cérebro de Annabeth não estava funcionando muito bem no momento.

— Eu queria saber o que vamos enfrentar — murmurou ela enquanto as duas se aproximavam sorrateiramente do prédio. — Gosto de pesquisar primeiro, de me armar com conhecimento.

Sadie resmungou.

— Você fala como meu irmão. Diga aí, com que frequência os monstros dão a você o luxo de usar o Google antes de atacarem?

— Nunca — admitiu Annabeth.

— Pois é. Carter… adoraria passar horas na biblioteca, lendo sobre todos os demônios hostis que poderíamos enfrentar, marcando as partes importantes e fazendo fichamentos para eu estudar. Pena que, quando os demônios atacam, eles não avisam, e raramente se dão o trabalho de se identificar.

— E qual é o *seu* procedimento-padrão de operação?

— Partir para cima — disse Sadie. — Pensar rápido. Quando necessário, explodir o inimigo em pedacinhos.

— Que ótimo. Você adoraria meus amigos.

— Vou interpretar como um elogio. Aquela porta, o que acha?

Alguns degraus levavam a uma entrada de porão. Havia uma única tábua pregada na porta em uma tentativa pífia de impedir a entrada de invasores, mas a porta em si estava entreaberta.

Annabeth estava prestes a sugerir que avaliassem as redondezas. Não confiava em uma entrada tão fácil, mas Sadie não esperou. A jovem maga desceu os degraus e entrou.

A única opção de Annabeth era ir atrás.

* * *

No fim das contas, se elas tivessem entrado por qualquer outra porta, teriam morrido.

O interior do prédio era um casco cavernoso, com trinta andares de altura e uma enxurrada de tijolos, canos, tábuas e outros destroços, junto com símbolos gregos e hieróglifos cintilantes e tufos de energia vermelha neon. A cena era apavorante e linda, como se um furacão tivesse sido capturado, iluminado por dentro e colocado em exibição permanente.

Como elas haviam entrado pelo porão, Sadie e Annabeth estavam protegidas por uma escada curta, uma espécie de trincheira no concreto. Se tivessem entrado para a tempestade pelo térreo, teriam sido partidas em pedacinhos.

Enquanto Annabeth olhava, uma viga de aço retorcido voou em velocidade de carro de corrida. Dezenas de tijolos passaram em disparada, como um cardume de peixes. Um hieróglifo vermelho flamejante bateu em um pedaço voador de compensado, e a madeira pegou fogo como um lenço de papel.

— Ali em cima — sussurrou Sadie.

Ela apontou para o alto do prédio, onde parte do trigésimo andar ainda estava intacta, uma plataforma em ruínas se projetando no vazio. Era difícil ver pelos detritos voadores e pela névoa vermelha, mas Annabeth conseguiu identificar uma forma humanoide robusta de pé no precipício, com os braços abertos como se para receber a tempestade.

— O que ele está fazendo? — murmurou Sadie.

Annabeth se encolheu quando uma hélice de canos de cobre passou a centímetros de sua cabeça. Ficou olhando para os destroços e começou a reparar em padrões, como aconteceu com o Duat: tábuas girando e pregos voando juntos para formar uma plataforma, amontoados de tijolos se unindo como peças de Lego para formar um arco.

— Ele está construindo alguma coisa — observou ela.

— Construindo o quê, um desastre? — perguntou Sadie. — Esse lugar lembra os domínios de Caos. E, acredite, *não* é bem meu local favorito para passar as férias.

Annabeth olhou ao redor, perguntando-se se Caos significava a mesma coisa para egípcios e gregos. Annabeth teve lá suas experiências ruins com o Caos, e, se Sadie também esteve lá… bem, a maga devia ser mais forte do que parecia.

— A tempestade não é completamente aleatória — disse Annabeth. — Está vendo ali? E ali? Pedaços de materiais estão se

juntando e formando algum tipo de estrutura dentro do prédio.

Sadie franziu a testa.

— Para mim, parecem tijolos em um liquidificador.

Annabeth não sabia bem como explicar, mas tinha estudado arquitetura e engenharia o bastante para reconhecer os detalhes. Os canos de cobre estavam se ligando como artérias e veias em um sistema circulatório. Seções de paredes velhas estavam se reunindo para formar um novo quebra-cabeça. De vez em quando, mais tijolos ou vigas se soltavam das paredes externas e se juntavam ao furacão.

— Ele está canibalizando o prédio — disse ela. — Não sei por quanto tempo as paredes externas aguentarão.

Sadie soltou um palavrão baixinho.

— Por favor, não vá dizer que ele está construindo uma pirâmide. Qualquer coisa, menos isso.

Annabeth se perguntou por que uma maga egípcia odiaria pirâmides, mas balançou a cabeça negativamente.

— Eu diria que é algum tipo de torre cônica. Só tem um jeito de ter certeza.

— Perguntar ao construtor.

Sadie olhou para os resquícios do trigésimo andar.

O homem na beirada não havia se mexido, mas Annabeth podia jurar que estava maior. Uma luz vermelha girava ao redor dele. Pela silhueta, ele parecia usar uma cartola alta e angular no estilo de Abraham Lincoln.

Sadie botou a mochila no ombro.

— Bom, se esse é nosso deus misterioso, onde está…

Bem naquele momento um uivo de três partes soou em meio ao tumulto. Do outro lado do prédio, um par de portas de metal se abriu e o monstro caranguejo entrou.

Infelizmente, a fera tinha agora as três cabeças: de lobo, de leão e de cachorro. A espiral comprida brilhava com inscrições gregas e hieróglifos. Ignorando completamente os detritos voadores, o monstro entrou pisando com as seis patas dianteiras e deu um salto. A tempestade o carregou para cima, girando em meio ao caos.

— Está indo para o dono — disse Annabeth. — Temos que impedir.

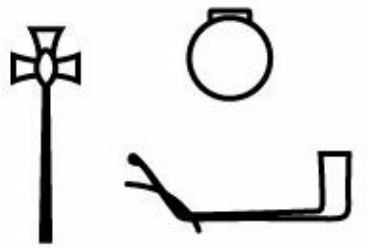
— Que legal — resmungou Sadie. — Isso vai me esgotar.

— O quê?

Sadie ergueu o cajado.

— *N'dah*.

Um hieróglifo dourado surgiu no ar acima delas:



E de repente elas estavam cercadas por uma esfera de luz.

A coluna de Annabeth formigou. Ela já estivera dentro de uma bolha protetora assim antes, quando ela, Percy e Grover usaram pérolas mágicas para fugir do mundo inferior. A experiência tinha sido… claustrofóbica.

— Isso vai nos proteger da tempestade? — perguntou Annabeth.

— Espero que sim. — O rosto de Sadie estava coberto de suor. — Venha.

Ela foi na frente, subindo pela escada.

Imediatamente, o escudo foi posto à prova. Uma bancada de cozinha voadora as teria decapitado, mas se esmigalhou em contato com o campo de força de Sadie. Pedaços de mármore giraram inofensivos ao redor delas.

— Demais — disse Sadie. — Agora segure o cajado enquanto viro um pássaro.

— Espere. *O quê?*

Sadie revirou os olhos.

— Estamos pensando rápido, lembra? Vou voar até lá em cima e impedir o monstro do cajado. Você tenta distrair aquele

deus… seja lá quem ele for. Atraia a atenção dele.

— Tudo bem, mas não sou maga. Não sei manter o feitiço.

— O campo de força vai permanecer durante alguns minutos, desde que você use o cajado.

— Mas e você? Se não estiver dentro do campo…

— Tenho uma ideia. Pode até funcionar.

Sadie tirou algo da mochila: uma pequena estátua de animal. Ela o envolveu com os dedos e começou a mudar de forma.

Annabeth já tinha visto gente virar bicho, mas nunca era fácil de assistir. Sadie encolheu para um décimo do tamanho. O nariz se alongou em um bico. Os cabelos, as roupas e a mochila viraram uma cobertura lisa de penas. Ela se tornou uma pequena ave de rapina — um milhafre, talvez —, e seus olhos azuis estavam dourados e brilhantes. Com a pequena estátua ainda nas garras, Sadie abriu as asas e se lançou na tempestade.

Annabeth fez uma careta quando um amontoado de tijolos voou na direção da amiga; mas, de alguma forma, os detritos passaram direto sem transformar Sadie em purê de penas. A forma de Sadie apenas oscilou, como se ela estivesse viajando debaixo da água.

Annabeth percebeu que Sadie estava no Duat, voando em um nível diferente de realidade.

A ideia fez a mente de Annabeth se encher de possibilidades. Se um semideus pudesse aprender a atravessar paredes, correr direto através de monstros…

Mas aquela era uma conversa para outra hora. No momento, precisava se mover. Ela disparou pelos degraus e entrou naquela confusão. Barras de metal e canos de cobre bateram contra o campo de força. A esfera dourada piscava com um pouco menos de brilho cada vez que rebatia os detritos.

Ela levantou o cajado de Sadie com uma das mãos e a nova adaga com a outra. Na torrente mágica, a lâmina de bronze celestial tremeluziu como uma tocha se apagando.

— Ei! — gritou ela para a plataforma bem acima. — Seu Deus aí!

Nenhuma resposta. A voz dela não devia conseguir sobressair à tempestade.

A estrutura do prédio começou a gemer. A argamassa escorria das paredes e entrava na mistura como tufos de algodão-doce.

A Sadie pássaro ainda estava viva, voando na direção do monstro de três cabeças, que seguia em espiral para cima. O animal já estava na metade do caminho, balançando com força as pernas e brilhando com mais intensidade, como se absorvendo o poder do furacão.

O tempo de Annabeth estava acabando.

Ela procurou na memória, vasculhando mitos antigos, as histórias mais obscuras que Quíron contara no acampamento. Quando era mais nova, ela era como uma esponja que absorvia todos os fatos e nomes.

O cajado de três cabeças. O deus de Alexandria, Egito.

O nome do deus lhe veio. Esperava estar certa pelo menos.

Uma das primeiras lições que ela aprendera como semideusa foi: *Nomes têm poder.* Nunca se diz o nome de um deus ou de um monstro se não está preparado para atrair a atenção dele.

Annabeth respirou fundo. Gritou com toda a sua força:

— SERÁPIS!

A tempestade diminuiu. Enormes pedaços de canos pairaram no ar. Nuvens de tijolos e madeira ficaram imóveis, suspensas.

Parado no meio do furacão, o monstro de três cabeças tentou ficar de pé. Sadie voou acima, abriu as garras e largou a estátua, que imediatamente cresceu e virou um camelo de tamanho real.

O animal desgrenhado caiu nas costas do monstro. As duas criaturas tombaram pelo ar e bateram no chão em um emaranhado de membros e cabeças. O monstro do cajado continuou a lutar, mas o camelo ficou em cima com as pernas abertas, balindo e cuspindo e basicamente recusando-se a se mexer, como um bebê de quinhentos quilos dando ataque de birra.

Do trigésimo andar, uma voz de homem trovejou:

— QUEM OUSA INTERROMPER MINHA ASCENSÃO TRIUNFAL?

— Eu! — gritou Annabeth. — Desça para me enfrentar!

Ela não gostava de levar o crédito pelos camelos alheios, mas queria manter a atenção exclusiva do deus para que Sadie pudesse fazer… o que decidisse fazer. A jovem maga com certeza tinha bons truques guardados na manga.

O deus Serápis pulou para o vazio. Caiu trinta andares e parou de pé no meio do térreo, a uma distância fácil para Annabeth lançar a adaga.

Não que ela estivesse tentada a atacar.

Serápis tinha quatro metros e meio. Vestia apenas um short curto com estampa floral havaiana. O corpo era recortado em músculos. A pele bronze era coberta de tatuagens cintilantes de hieróglifos, letras gregas e outras grafias que Annabeth não reconheceu.

Os cabelos compridos, e de um ondulado desgrenhado, emolduravam o rosto como dreadlocks rastafáris. Uma barba grega encaracolada descia até as omoplatas. Os olhos eram verde-mar, tão parecidos com os de Percy que Annabeth ficou arrepiada.

Normalmente, ela não gostava de sujeitos barbudos, mas tinha que admitir que aquele deus era atraente, com aquele estilo de surfista radical mais velho.

Mas o enfeite de cabeça estragava o visual. O que Annabeth pensou ser uma cartola era na verdade uma cesta cilíndrica de vime com imagens de amores-perfeitos.

— Com licença — disse ela. — Isso aí na sua cabeça é um vaso de flores?

Serápis levantou as sobrancelhas castanhas e peludas. Bateu na cabeça como se tivesse esquecido a cesta. Algumas sementes de trigo caíram.

— Isso é um *modius*, garotinha tola. É um dos meus símbolos sagrados! O cesto de grãos representa o mundo inferior, que eu controlo.

— Hã, controla?

— É claro! — Serápis fez expressão de irritação. — Ou *controlava*, e vou voltar a controlar em breve. Mas quem é você para criticar meu modo de vestir? Uma semideusa grega, pelo cheiro, carregando uma arma de bronze celestial e um cajado egípcio da Casa da Vida. O que você é, heroína ou maga?

As mãos de Annabeth tremeram. Independentemente do chapéu de vaso de flor, Serápis irradiava poder. Ao ficar tão perto dele, Annabeth se sentia líquida por dentro, como se o coração, o estômago e a coragem estivessem derretendo.

Controle-se, pensou ela. *Você já encontrou vários deuses.*

Mas Serápis era diferente. A presença dele emanava uma sensação fundamentalmente *errada*, como se o mero fato de estar presente estivesse virando o mundo de Annabeth do avesso.

Atrás, a seis metros do deus, Sadie pássaro pousou e voltou à forma humana. Fez um gesto para Annabeth: dedos nos lábios (*psiu*), depois fez círculos com a mão (*faça com que ele continue falando*). Ela começou a remexer silenciosamente na mochila.

Annabeth não fazia ideia do que a amiga estava planejando, mas se obrigou a olhar nos olhos de Serápis.

— Quem disse que não sou as duas coisas, maga *e* semideusa? Agora explique por que você está aqui!

O rosto de Serápis se fechou. E então, para surpresa de Annabeth, ele jogou a cabeça para trás e riu, derramando mais grãos do *modius*.

— Entendi! Está tentando me impressionar, é? Você acha que merece ser minha sacerdotisa?

Annabeth engoliu em seco. Só havia uma resposta para uma pergunta daquelas.

— É claro que sim! Já fui *magna mater* do culto de Atena! Mas você é merecedor do meu serviço?

— RÁ! — Serápis sorriu. — Uma grande mãe no culto de Atena, é? Vamos ver se você é mesmo durona.

Ele fez um gesto. Uma banheira voou direto para o campo de força de Annabeth. A porcelana explodiu em estilhaços no encontro com a esfera dourada, mas o cajado de Sadie ficou tão quente que Annabeth precisou soltá-lo. A madeira branca queimou até virar cinzas.

Que ótimo, pensou ela. *Nem dois minutos, e eu já destruí o cajado de Sadie.*

Ela não tinha mais seu escudo protetor. Estava encarando um deus de quatro metros e meio só com as armas de sempre: uma pequena adaga e muita atitude.

À esquerda de Annabeth, o monstro de três cabeças ainda lutava para sair de debaixo do camelo, mas o animal era pesado, teimoso e incrivelmente descoordenado. Cada vez que o monstro tentava empurrá-lo, o camelo soltava um pum poderoso e abria ainda mais as pernas.

Enquanto isso, Sadie tirou um giz da mochila. Escreveu furiosamente no chão de concreto atrás de Serápis, talvez um belo epitáfio para celebrar a morte iminente delas.

Annabeth se lembrou de uma citação que seu amigo Frank uma vez lhe disse, alguma coisa de *A arte da guerra*, de Sun Tzu.

Quando enfraquecer, aja com força.

Annabeth se empertigou e riu na cara de Serápis.

— Pode jogar coisas em mim, senhor Serápis. Não preciso de cajado para me defender. Meus poderes são grandiosos demais! Ou pare de me fazer perder tempo e me diga como posso servir você, *supondo* que eu concorde em me tornar sua nova sacerdotisa.

O rosto do deus se tomou de raiva.

Annabeth teve certeza de que ele jogaria todo o furacão de detritos nela, e não haveria como impedi-lo. Ela pensou em jogar a adaga no olho do deus, da mesma forma que sua amiga Rachel uma vez distraiu o Titã Cronos, mas Annabeth não confiava na própria mira.

Finalmente, Serápis abriu um sorriso torto.

— Você tem coragem, garota. Isso eu preciso admitir. E não demorou a vir me encontrar. Talvez você *possa* servir. Você vai ser a primeira de muitos a me dar seu poder, sua vida, sua alma!

— Acho que vai ser divertido.

Annabeth olhou rapidamente para Sadie, torcendo para ela terminar logo a arte com giz.

— Mas, primeiro — disse Serápis —, preciso do meu cajado!

Ele fez um gesto para o camelo. Um hieróglifo vermelho queimou o pelo da criatura, e, com um pum final, o pobre animal se dissolveu em um monte de areia.

O monstro de três cabeças se apoiou nas patas dianteiras e sacudiu a areia do corpo.

— Espere! — gritou Annabeth.

As três cabeças do monstro rosnaram para ela.

Serápis fez expressão de desprezo.

— O que foi agora, garota?

— Bem, eu devia… sabe, entregar o cajado para você, como sua sacerdotisa! Temos que fazer as coisas direito!

Annabeth partiu para cima do monstro. Era pesado demais para ela levantar, mas ela enfiou a faca no cinto e usou as duas mãos para segurar a ponta da concha cônica da criatura, arrastando-a para trás, para longe do deus.

Enquanto isso, Sadie desenhou um grande círculo do tamanho de um bambolê no concreto. Estava agora decorando com hieróglifos, usando giz de várias cores diferentes.

Ah, claro, pensou Annabeth com frustração. *Demore o tempo que precisar e capriche!*

Ela deu um jeito de sorrir para Serápis enquanto segurava o monstro do cajado, que ainda tentava se arrastar para a frente.

— Agora, meu senhor — disse Annabeth —, me conte seu plano glorioso! Tem alguma coisa a ver com almas e vidas, não?

O monstro do cajado uivou em protesto, provavelmente porque conseguia ver Sadie escondida atrás do deus, fazendo a arte secreta no concreto. Serápis não pareceu perceber.

— Observe! — Ele abriu os braços musculosos. — O novo centro do meu poder!

Fagulhas vermelhas brilharam no furacão congelado. Uma teia de luz ligou os pontos até Annabeth conseguir ver o contorno cintilante da estrutura que Serápis estava construindo: uma torre enorme de noventa metros de altura, feita em três camadas que iam se estreitando: uma base quadrada, um meio octogonal e um topo circular. No zênite, ardia uma chama tão intensa quanto uma forja de Ciclope.

— Um farol — concluiu Annabeth. — O Farol de Alexandria.

— Exato, minha jovem sacerdotisa.

Serápis andou para frente e para trás como um professor dando aula, embora o short floral fosse uma distração e tanto. O chapéu de cesta de vime ficava se inclinando para um lado e para outro, derramando grãos. Por alguma razão, continuou sem reparar em Sadie agachada atrás dele, desenhando belas imagens com giz.

— Alexandria! — disse o deus. — Outrora a maior cidade do mundo, a grande fusão do poder grego e egípcio! Eu era o deus supremo e agora me ergui de novo. Criarei minha nova capital aqui!

— Hã… na praia Rockaway?

Serápis parou e coçou a barba.

— Você tem razão. Esse nome não serve. Vamos chamar de… Rockandria? Serapaway? Bom, vamos decidir isso depois! Nosso primeiro passo é terminar meu novo farol. Vai ser um guia para o mundo, que vai atrair divindades da Grécia Antiga e do Egito para mim, como aconteceu no passado. Vou me alimentar da essência delas e me tornar o deus mais poderoso de todos!

Annabeth sentiu como se tivesse engolido uma colher de sal.

— *Alimentar da essência delas*. Você quer dizer destruí-las?

Serápis fez um gesto de desconsideração.

— *Destruir* é uma palavra muito feia. Prefiro *incorporar*. Você deve conhecer minha história, certo? Quando Alexandre, o Grande, conquistou o Egito…

— Ele tentou fundir as religiões grega e egípcia — disse Annabeth.

— Tentou e falhou — disse Serápis, rindo para si. — Alexandre escolheu um deus do sol egípcio, Amon, como divindade principal. Isso não deu muito certo. Os gregos não gostavam de Amon. Nem os egípcios do Delta do Nilo. Eles viam Amon como um deus de outra parte do rio. Mas, quando Alexandre morreu, seu general tomou o controle do Egito.

— Ptolomeu I — disse Annabeth.

Serápis deu um sorriso satisfeito.

— Sim… Ptolomeu. Aquele era um mortal com *visão*!

Annabeth precisou de toda a força de vontade para não olhar para Sadie, que agora tinha completado o círculo mágico e batia nos hieróglifos com o dedo, murmurando alguma coisa baixinho, como se para ativá-los.

O monstro de três cabeças do cajado rosnou em reprovação. Ele tentou pular, e Annabeth quase não conseguiu segurá-lo. Estava ficando sem força. A aura da criatura continuava nauseante.

— Ptolomeu criou um novo deus — disse ela com esforço. — Você.

Serápis deu de ombros.

— Ah, não foi do *nada*. Eu já fui um pequeno deus de vilarejo. Ninguém tinha ouvido falar de mim! Mas Ptolomeu encontrou minha estátua e levou para Alexandria. Ele mandou os sacerdotes gregos e egípcios fazerem presságios, encantos e outras coisas mais. Todos concordaram que eu era o grande deus Serápis e que deveria ser idolatrado acima de todos os outros deuses. Virei um sucesso instantâneo!

Sadie ficou de pé dentro do círculo mágico. Soltou o colar de prata e começou a girar como uma corda de laçar.

O monstro de três cabeças rugiu como que para avisar o dono: *Cuidado!*

Mas Serápis estava animado. Enquanto ele falava, as tatuagens de hieróglifos e letras gregas em sua pele brilhavam com mais intensidade.

— Eu me tornei o deus mais importante dos gregos e egípcios! — continuou ele. — À medida que mais pessoas me idolatravam, passei a sugar o poder dos deuses mais velhos. Aos poucos, mas com segurança, tomei o lugar deles. O mundo inferior? Eu me tornei o senhor de lá, substituindo Hades e Osíris. O cão de guarda, Cérbero, se transformou no meu cajado, que você agora está segurando. As três cabeças representam o passado, o presente e o futuro, os quais controlarei quando o cajado voltar ao meu poder.

O deus esticou a mão. O monstro tentou alcançá-lo. Os músculos do braço de Annabeth estavam queimando. Os dedos começaram a ceder.

Sadie continuava balançando o pingente e murmurando um feitiço.

Hécate sagrada, pensou Annabeth, *é preciso quanto tempo para se fazer um feitiço idiota?*

Seus olhos encontraram os de Sadie, e ela entendeu o recado: *Espere. Só mais alguns segundos.*

Annabeth não sabia se tinha mais alguns segundos.

— A dinastia ptolomaica… — Ela trincou os dentes. — Ela caiu séculos atrás. Seu culto foi esquecido. Por que você voltou agora?

Serápis fungou.

— Isso não é importante. Aquele que me despertou… bem, ele tem delírios de grandeza. Acha que pode me controlar só porque encontrou uns feitiços antigos no Livro de Thoth.

Atrás do deus, Sadie se encolheu como se tivesse sido atingida entre os olhos. Aparentemente, esse "Livro de Thoth" trazia alguma lembrança.

— Sabe — prosseguiu Serápis —, naquela época, o rei Ptolomeu decidiu que não bastava *me* fazer o deus principal. Também queria ser imortal. Ele se declarou deus, mas a magia deu errado. Depois que ele morreu, sua família foi amaldiçoada por muitas gerações. A linhagem ptolomaica foi ficando cada vez mais fraca, até que aquela tola da Cleópatra se suicidou e deu tudo para os romanos.

O deus fez expressão de desprezo.

— Esses mortais... são sempre tão gananciosos. O mago que *dessa* vez me despertou acha que pode fazer melhor do que Ptolomeu. Ele me despertar foi só um de seus experimentos com magia greco-egípcia. Ele quer se tornar deus, mas se excedeu.

Eu voltei. *Eu* vou controlar o universo.

Serápis dirigiu os olhos verdes e brilhantes para Annabeth. Suas feições pareceram mudar fazendo Annabeth se lembrar de muitos olimpianos: Zeus, Poseidon, Hades. Alguma coisa no sorriso dele até a fez recordar-se de sua mãe, Atena.

— Pense só, pequena semideusa — disse Serápis —, esse farol vai atrair os deuses até mim como mariposas para uma vela. Quando eu tiver consumido o poder deles, vou erguer uma grande cidade. Construirei uma nova biblioteca de Alexandria com todo o conhecimento do mundo antigo, tanto grego quanto egípcio. Como filha de Atena, você deve apreciar isso. Como minha sacerdotisa, pense em todo o poder que você vai ter!

Uma nova biblioteca de Alexandria.

Annabeth não podia fingir que a ideia não mexia com ela. Tanto conhecimento do mundo antigo foi destruído quando aquela biblioteca pegou fogo.

Serápis deve ter visto a fome nos olhos dela.

— Sim. — Ele esticou a mão. — Chega de conversa, garota. Traga meu cajado!

— Você está certo — resmungou Annabeth. — Chega de conversa.

Ela puxou a adaga e enfiou na concha do monstro.

* * *

Muitas coisas podiam ter dado errado. A maioria deu mesmo.

Annabeth esperava que a faca fosse partir a concha, talvez até destruir o monstro. Mas ela só abriu uma pequena fissura que cuspiu uma magia vermelha tão quente quanto um filete de magma. Annabeth cambaleou para trás, com os olhos ardendo.

Serápis gritou:

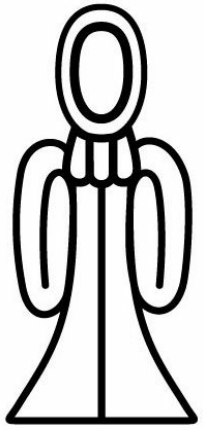
— TRAIÇÃO!

A criatura do cajado uivou e se debateu, com as três cabeças tentando em vão alcançar a faca enfiada nas costas.

No mesmo momento, Sadie lançou o feitiço. Ela lançou o colar de prata e gritou:

— *Tyet!*

O pingente explodiu. Um hieróglifo prateado gigante envolveu o deus como um caixão transparente:



Serápis rugiu quando seus braços ficaram presos nas laterais do corpo.

Sadie gritou:

— Eu o nomeio Serápis, deus de Alexandria! Deus de… hum, chapéus esquisitos e cajados de três cabeças! Eu o amarro com o poder de Ísis!

Detritos começaram a cair do ar e se esparramar ao redor de Annabeth. Ela desviou de um muro de tijolos e de uma caixa de luz. Em seguida, percebeu que o monstro do cajado ferido rastejava na direção de Serápis.

Ela correu em sua direção, mas foi atingida na cabeça por um pedaço de madeira. Bateu no chão com força, a cabeça latejando, e foi enterrada na mesma hora por mais detritos.

Ela respirou com dificuldade.

— Ai, ai, ai.

Pelo menos, não estava enterrada sob tijolos. Ela abriu caminho em uma pilha de compensados e tirou uma farpa de quinze centímetros da camisa.

O monstro tinha chegado aos pés de Serápis. Annabeth sabia que deveria ter esfaqueado uma das cabeças do monstro, mas não havia conseguido fazer isso. Sempre amolecia quando se tratava de animais, mesmo que fossem parte de uma criatura mágica do mal tentando matá-la. Naquele momento, era tarde demais.

O deus forçou os muitos músculos. A prisão prateada se despedaçou a seu redor. O cajado de três cabeças voou para sua mão, e Serápis se virou para Sadie Kane.

O círculo protetor dela evaporou em uma nuvem de vapor vermelho.

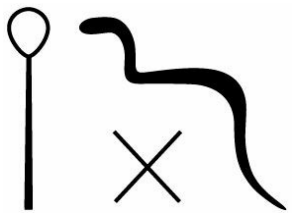
— Você queria me *amarrar*? — gritou Serápis. — Você queria me *nomear*? Você nem tem a linguagem apropriada para me nomear, pequena maga!

Annabeth cambaleou para a frente, mas sua respiração contiuava difícil. Com Serápis de posse do cajado, a aura dele parecia dez vezes mais poderosa. Os ouvidos de Annabeth zumbiam. Os tornozelos estavam moles como uma gelatina. Ela conseguia sentir sua força vital sendo sugada... sugada para o halo vermelho do deus.

De alguma forma, Sadie mantinha sua posição com expressão desafiadora.

— Tudo bem, senhor Tigela de Cereal. Você quer uma linguagem apropriada? *HA-DI!*

Um novo hieróglifo ardeu no rosto de Serápis:



Mas o deus o apagou do ar com a mão livre. Ele fechou o punho, e fumaça saiu por entre os dedos, como se ele tivesse acabado de esmagar uma locomotiva a vapor em miniatura.

Sadie engoliu em seco.

— Isso é impossível. Como…?

— Estava esperando uma explosão? — Serápis riu. — Me desculpe por decepcioná-la, criança, mas meu poder é grego e egípcio. Combina os dois, consome os dois, *substitui* os dois. Vejo que é beneficiada por Ísis, certo? Excelente. Ela já foi minha mulher.

— *O quê?* — gritou Sadie. — Não. Não, não, não.

— Ah, sim! Quando depus Osíris e Zeus, Ísis foi obrigada a me servir. Agora, vou usar você como portal para atraí-la e amarrá-la. Ísis vai ser minha rainha de novo!

Serápis apontou o cajado. De cada uma das três cabeças monstruosas, filetes vermelhos de luz dispararam, envolvendo Sadie em galhos espinhentos.

Sadie gritou, e Annabeth finalmente se recuperou do choque.

Ela pegou a folha de compensado mais próxima — um quadrado maleável do tamanho de um escudo — e tentou se lembrar das aulas de *frisbee* do Acampamento Meio-Sangue.

— Ei, Cabeça de Grão! — gritou Annabeth.

Ela girou a cintura e usou a força do corpo todo. O compensado voou pelo ar na hora em que Serápis se virou para ela, e a beirada bateu bem entre os olhos dele.

— AHH!

Annabeth mergulhou para o lado quando Serápis apontou cegamente o cajado na direção dela. As três cabeças de monstro lançaram chamas superaquecidas de vapor, que abriram um buraco no concreto onde Annabeth estava havia pouco.

Ela continuou a se mover e abriu caminho entre as montanhas de detritos que agora cobriam o chão. Mergulhou atrás de uma pilha de vasos sanitários quebrados quando o cajado do deus lançou outro jato triplo de vapor na direção dela, chegando tão perto que ela sentiu bolhas surgirem na nuca.

Annabeth viu Sadie a uns trinta metros, de pé e cambaleando para longe de Serápis. Pelo menos, ainda estava viva. Mas Annabeth sabia que precisaria de tempo para se recuperar.

— Ei, Serápis! — gritou Annabeth por trás da montanha de privadas. — Qual era o gosto daquele compensado?

— Filha de Atena! — gritou o deus. — Vou devorar sua força vital! Vou usar você para destruir sua maldita mãe! Você se acha inteligente? Você não é nada em comparação com aquele que me despertou, e nem *ele* entende o poder que libertou. Nenhum de vocês vai ganhar a coroa da imortalidade. Eu controlo o passado, o presente e o futuro. Sozinho, governarei os deuses!

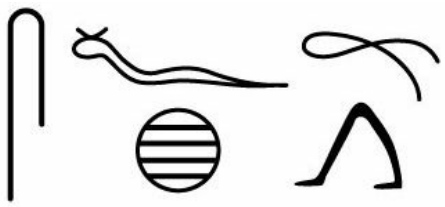
E obrigada pelo longo discurso, pensou Annabeth.

Quando Serápis explodiu o local onde ela estava, transformando os vasos sanitários em uma pilha de porcelana quebrada, Annabeth já tinha se esgueirado pela metade da sala.

Estava procurando Sadie quando a maga apareceu em seu esconderijo, a apenas três metros de distância, e gritou:

— *Suh-FAH!*

Annabeth se virou quando um novo hieróglifo, de seis metros de altura, ardeu na parede atrás de Serápis:



A argamassa se desfez. Um ruído veio da lateral do prédio, e, quando Serápis gritou "NÃO!", a parede inteira desabou em cima dele em uma onda de tijolos que o enterrou sob toneladas de escombros.

Annabeth engasgou com a nuvem de poeira. Seus olhos ardiam. Ela sentia como se tivesse sido cozida em uma panela de arroz, mas conseguiu cambalear para perto de Sadie.

A jovem maga estava coberta de pó de cal como se tivesse sido passada no açúcar. Olhava para o buraco que havia feito na lateral do prédio.

— Isso funcionou — murmurou ela.

— Foi genial. — Annabeth apertou os ombros dela. — Que feitiço foi aquele?

— *Afrouxar* — disse Sadie. — Eu achei… bem, destruir costuma ser mais fácil do que construir.

Como se concordando, o resto da estrutura do prédio estalou e gemeu.

— Venha. — Annabeth pegou a mão de Sadie. — Precisamos sair daqui. Essas paredes…

A fundação tremeu. De debaixo dos destroços veio um rugido abafado. Filetes de luz vermelha brilhavam por entre os detritos.

— Ah, por favor! — protestou Sadie. — Ele ainda está *vivo*?

Um desânimo recaiu sobre Annabeth, mas ela não estava surpresa.

— Ele é um deus. É imortal.

— Ah, então como…?

A mão de Serápis, ainda segurando o cajado, surgiu por entre os tijolos e tábuas. As três cabeças do monstro dispararam jatos de vapor em todas as direções. A faca de Annabeth ainda estava enfiada até o cabo na concha do monstro, e a cicatriz ao redor soltava hieróglifos, letras gregas e palavrões em vermelho — milhares de anos de palavras chulas se espalhando livremente.

Como uma linha do tempo, pensou Annabeth.

De repente, surgiu-lhe uma ideia.

— Passado, presente e futuro. Ele controla tudo.

— O quê? — perguntou Sadie.

— O cajado é a chave — disse Annabeth. — Temos que destruí-lo.

— Sim, mas…

Annabeth correu para a pilha de destroços. Seus olhos estavam grudados no cabo da adaga, mas ela chegou tarde demais.

Serápis soltou o outro braço, depois a cabeça, com o cesto de flores esmagado e vazando grãos. O *frisbee* de compensado que Annabeth tinha jogado quebrara o nariz dele e deixara os olhos roxos, fazendo-o parecer um guaxinim.

— Vou matar você! — gritou ele, no momento em que Sadie repetiu:

— *Suh-FAH!*

Annabeth fez um recuo apressado, e Serápis gritou "NÃO!" quando outra seção da parede de trinta andares caiu em cima dele.

A magia deve ter exaurido Sadie. Ela caiu como uma boneca de pano, e Annabeth a pegou bem a tempo de não deixar a cabeça bater no chão. Quando as seções que restavam da parede tremeram e se inclinaram para dentro, Annabeth pegou a garota, que era mais nova que ela, no colo e a levou para fora.

De alguma forma, ela saiu do prédio antes do restante desabar. Annabeth ouviu o rugido gigantesco, mas não sabia se era a destruição atrás de si ou o som de seu crânio se partindo com a dor e a exaustão.

Ela continuou cambaleando até chegar aos trilhos do metrô. Lá, colocou Sadie delicadamente sobre o mato.

Os olhos de Sadie se reviraram. Ela murmurava coisas incoerentes. A pele estava tão febril que Annabeth precisou lutar contra o pânico. Vapor saía das mangas da maga.

Perto do local do acidente do trem, os mortais repararam no novo desastre. Veículos de socorro começaram a se afastar e seguir na direção do prédio desmoronado. Um helicóptero da imprensa voava em círculos.

Annabeth ficou tentada a gritar pedindo ajuda médica, mas, antes que pudesse fazê-lo, Sadie inspirou com força. Suas pálpebras tremeram.

Ela cuspiu um pedaço de concreto, se sentou com fraqueza e olhou para a coluna de poeira que subia para o céu como resultado da pequena aventura delas.

— Certo — murmurou Sadie. — O que devemos destruir agora?

Annabeth chorou de alívio.

— Graças aos deuses você está bem. Você estava soltando fumaça.

— Ossos do ofício. — Sadie tirou um pouco da poeira do rosto. — Magia demais pode literalmente me queimar. Foi o mais perto que cheguei da imolação hoje.

Annabeth concordou. Tinha sentido inveja de todos aqueles feitiços legais que Sadie sabia fazer, mas naquele momento estava feliz de ser apenas uma semideusa.

— Chega de magia para você.

— Ao menos por um tempo. — Sadie fez uma careta. — Imagino que não tenhamos derrotado Serápis.

Annabeth olhou para o local do pretenso farol. Queria achar que o deus não existia mais, porém sabia que não era possível. Ainda conseguia sentir a aura dele rompendo o mundo, puxando a alma dela e sugando sua energia.

— Temos no máximo alguns minutos — supôs ela. — Ele vai se libertar. E virá atrás de nós.

Sadie gemeu.

— Precisamos de reforços. Infelizmente, não tenho energia suficiente para abrir um portal, mesmo se eu conseguisse encontrar um. Ísis também não está me respondendo. Ela sabe que não deve aparecer e ter a essência sugada pelo senhor Tigela de Cereal. — Ela suspirou. — Imagino que você não tenha o contato de outros semideuses como chamada de emergência no celular, tem?

— Se ao menos… — Annabeth parou de falar.

Ela percebeu que a mochila ainda estava nos ombros. Como não havia caído durante a luta? E por que estava tão leve?

Ela puxou a mochila e abriu. Os livros de arquitetura tinham sumido. O que havia no fundo era um quadrado de ambrosia do tamanho de um brownie enrolado em celofane, e por baixo…

O lábio inferior de Annabeth tremeu. Ela tirou uma coisa que não carregava havia muito tempo: o boné azul surrado do New York Yankees.

Ela olhou para o céu que escurecia.

— Mãe?

Não houve resposta, mas Annabeth não conseguia pensar em nenhuma outra explicação. A mãe tinha enviado ajuda. Compreender isso a encorajou e apavorou. Se Atena estava interessada particularmente na situação, Serápis era uma ameaça monumental de verdade... não só para Annabeth, mas para os deuses.

— É um boné de beisebol — observou Sadie. — Isso é bom?

— Eu… acho que sim — disse Annabeth. — Na última vez que usei a magia não funcionou. Mas, se *funcionar*… eu talvez tenha um plano. Vai ser sua vez de distrair Serápis.

Sadie franziu a testa.

— Não mencionei que estou sem magia?

— Não tem problema — disse Annabeth. — Como você é em blefar, mentir e falar besteira?

Sadie ergueu uma sobrancelha.

— Já disseram que são minhas qualidades mais atraentes.

— Excelente — disse Annabeth. — Então está na hora de eu ensinar grego para você.

* * *

Elas não tinham muito tempo.

Annabeth mal tinha terminado de preparar Sadie quando o prédio desmoronado tremeu, detritos explodiram e Serápis surgiu, rugindo e amaldiçoando.

Quem estava trabalhando no acidente saiu, assustado, correndo do local, mas não pareceu perceber o deus de quatro metros e meio se afastando do desmoronamento, com o cajado de três cabeças cuspindo vapor e raios vermelhos de magia para o céu.

Serápis se dirigia com convicção para perto de Sadie e Annabeth.

— Pronta? — perguntou Annabeth.

Sadie suspirou.

— Tenho escolha?

— Aqui. — Annabeth deu a ela o quadrado de ambrosia. — Comida de semideus. Deve restaurar sua força.

— *Deve*, não é?

— Se eu posso usar sua poção curativa, você deve poder comer ambrosia.

— Tim-tim, então. — Sadie deu uma mordida. Suas bochechas ganharam cor de novo. Os olhos cintilaram. — Tem gosto dos pãezinhos da minha avó.

Annabeth sorriu.

— Ambrosia sempre tem o gosto da sua comida favorita.

— Uma pena. — Sadie deu outra mordida e engoliu. — Os pãezinhos da vovó estão sempre queimados e bem ruins. Ah, lá vem nosso amigo.

Serápis chutou um carro de bombeiro que estava no caminho e seguiu na direção dos trilhos do trem. Não parecia ter visto Sadie e Annabeth ainda, mas a semideusa achava que ele conseguia *sentir* onde elas estavam. O deus observou o horizonte cheio de fúria assassina no rosto.

— Aqui vamos nós.

Annabeth colocou o boné do Yankees.

Os olhos de Sadie se arregalaram.

— Muito bem. Você está bem invisível. Não vai começar a disparar fagulhas, vai?

— Por que eu faria isso?

— Ah… meu irmão fez um feitiço de invisibilidade uma vez. Não funcionou muito bem. De qualquer modo, boa sorte.

— Para você também.

Annabeth correu para um lado enquanto Sadie começou a balançar os braços e gritar:

— Ei, Serápis!

— PARA VOCÊ, A MORTE! — berrou o deus.

Ele seguiu em frente, com os pés enormes abrindo crateras no asfalto.

Como elas planejaram, Sadie recuou na direção da praia. Annabeth se agachou atrás de um carro abandonado e esperou que Serápis passasse. Invisível ou não, ela não iria se arriscar.

— Venha! — disse Sadie, provocando o deus. — Isso é o mais rápido que você consegue correr, seu caipira gigantesco?

— RAAAW!

O deus disparou para onde Annabeth estava.

Ela correu atrás de Serápis, que alcançou Sadie perto do mar.

O deus ergueu o cajado cintilante, com as três cabeças monstruosas arrotando vapor.

— Suas últimas palavras, maga?

— Para você? Sim!

Sadie girou os braços em movimentos que poderiam ser mágicos… ou talvez de kung fu.

— *Meana aedei thea!* — Ela entoou as frases que Annabeth havia ensinado. — *En... ponte pathen algae!*

Annabeth fez uma careta. A pronúncia de Sadie era bem ruim. Ela tinha acertado mais ou menos a primeira frase: *Cante sobre a fúria, ó deusa.* Mas a segunda devia ser: *No mar, que sofra a miséria.* Mas Sadie dissera alguma coisa parecida com: *No mar, sofra o musgo!*

Felizmente, o som do grego antigo bastou para impressionar Serápis. O deus hesitou, com o cajado de três cabeças ainda erguido.

— O que você…

— Ísis, me escute! — prosseguiu Sadie. — Atena, me ajude!

Ela soltou outras frases, algumas em grego, algumas em egípcio antigo.

Enquanto isso, Annabeth foi se aproximando por trás do deus, com os olhos na adaga ainda enfiada na concha do monstro. Se Serápis baixasse o cajado…

— *Alfa, beta, gama!* — gritou Sadie. — *Gyros, spanakopita. Presto!* — Ela sorriu com triunfo. — Pronto. Você já era!

Serápis ficou olhando para ela, perplexo. As tatuagens vermelhas em sua pele se apagaram um pouco. Alguns símbolos viraram pontos de interrogação e carinhas tristes. Annabeth chegou mais perto… estava a seis metros dele.

— Já era? — perguntou Serápis. — De que diabo você está falando, garota? Estou prestes a destruir você.

— E, se destruir — avisou Sadie —, ativará a ligação mortal que envia você para o esquecimento!

— Ligação mortal? Não existe isso!

Serápis baixou o cajado. As três cabeças de animal estavam na altura dos olhos de Annabeth.

O coração dela disparou. Faltavam três metros. Se ela pulasse, talvez conseguisse alcançar a adaga. Só teria uma chance para puxá-la.

As cabeças do cajado não pareceram reparar nela. Elas rosnavam e mordiam, cuspindo vapor em direções aleatórias. Lobo, leão, cachorro: passado, presente e futuro.

Para provocar o dano máximo, ela sabia qual cabeça precisava acertar.

Mas por que o futuro tinha que ser um cachorro? Aquele labrador preto era a menos ameaçadora das cabeças de monstro. Com grandes olhos dourados e orelhas caídas, fazia Annabeth se lembrar de muitos animais simpáticos que conhecera.

Não é um animal de verdade, disse a si mesma. *É parte de um cajado mágico.*

Mas, quando chegou a uma distância suficiente para acertá-lo, os braços ficaram pesados. Ela não conseguia olhar para o cachorro sem sentir culpa.

O futuro é uma coisa boa, o cachorro parecia dizer. *É fofo e macio!*

Se Annabeth acertasse a cabeça do labrador, ela estaria matando seu *próprio* futuro, os planos que tinha para a faculdade, os planos que havia feito com Percy…?

Sadie ainda estava falando. Seu tom estava mais ousado.

— Minha mãe, Ruby Kane — disse Sadie para Serápis —, deu a vida para prender Apófis no Duat. *Apófis*, veja bem, que tem milhares de anos a mais do que você e é muito mais poderoso. Então, se você acha que vou deixar um deus de segunda categoria controlar o mundo, está muito enganado!

A raiva na voz dela não era blefe, e de repente Annabeth ficou feliz de ter dado a Sadie a tarefa de enfrentar Serápis. A maga era surpreendentemente apavorante quando queria.

Serápis se mexeu, pouco à vontade.

— Eu vou destruir você!

— Boa sorte — provocou Sadie. — Atei você a feitiços gregos e egípcios tão poderosos que vão lançar seus átomos às estrelas.

— Você está mentindo! — gritou Serápis. — Não sinto feitiço nenhum em mim. Nem aquele que me despertou tinha uma magia assim.

Annabeth estava cara a cara com o cachorro preto. A adaga estava logo acima, mas todas as moléculas do corpo dela se rebelavam contra a ideia de matar o animal… matar o futuro.

Enquanto isso, Sadie forjou uma gargalhada corajosa.

— O que despertou você? Você está falando daquele velho golpista, Setne?

Annabeth não conhecia aquele nome, mas Serápis com certeza conhecia. O ar ao redor dele agitou-se de calor. O leão rosnou. O lobo mostrou os dentes.

— Ah, sim — prosseguiu Sadie. — Conheço bem Setne. Imagino que ele não tenha lhe contado quem o deixou voltar ao

mundo. Ele só está vivo porque *eu* o poupei. Você acha que a magia *dele* é poderosa? Então me teste. AGORA.

Annabeth se mexeu. Percebeu que Sadie estava falando com *ela*, não com o deus. O blefe estava se esgotando. Ela não tinha mais tempo.

Serápis falou com deboche:

— Boa tentativa, maga.

Quando ele ergueu o cajado para atacar, Annabeth pulou. A mão se fechou ao redor do cabo da adaga, e ela a puxou.

— O quê? — gritou Serápis.

Annabeth soltou um choro gutural e enfiou a adaga no pescoço do cachorro.

* * *

Ela esperava uma explosão.

Mas o que aconteceu foi que a adaga foi sugada pelo pescoço do cachorro como um clipe de papel por um aspirador de pó. Annabeth quase não teve tempo de soltar.

Ela rolou para longe quando o cachorro uivou, encolheu e murchou até implodir dentro da concha do monstro. Serápis rugiu. Balançou o cetro, mas parecia não conseguir soltar.

— O que você fez? — gritou ele.

— Tirei seu futuro — disse Annabeth. — Sem isso, você não é nada.

O cajado rachou. Ficou tão quente que Annabeth sentiu os pelos no braço começarem a queimar. Rastejou para trás na areia quando as cabeças de leão e lobo foram sugadas pela concha. O cajado todo desmoronou em uma bola vermelha de fogo na mão do deus.

Serápis tentou jogar longe. Só brilhou com mais intensidade. Seus dedos se curvaram. Sua mão foi consumida. O braço todo se contraiu e evaporou ao ser puxado para dentro da esfera ardente.

— Não posso ser destruído! — gritou Serápis. — Sou o ápice da união dos mundos de vocês! Sem minha orientação, vocês nunca vão obter a coroa! Vocês vão perecer! Vocês…

A bola de fogo brilhou e sugou o deus para seu vórtice. E, então, apagou-se como se nunca tivesse existido.

* * *

— Ugh — disse Sadie.

Elas se sentaram na praia ao pôr do sol, vendo a maré e ouvindo o barulho dos veículos de socorro atrás.

Pobre Rockaway. Primeiro, um furacão. Depois, um acidente de trem, um desmoronamento de prédio e um deus enraivecido, tudo em um dia. Algumas comunidades nunca têm descanso.

Annabeth tomou um pouco de Ribena, uma bebida britânica que Sadie havia pegado na "área de depósito pessoal" no Duat.

— Não se preocupe — disse Sadie, tranquilizando-a. — Conjurar um lanchinho não é magia difícil.

Do jeito que Annabeth estava com sede, o Ribena estava mais gostoso do que néctar.

Sadie parecia estar melhor. A ambrosia fizera efeito. Naquele momento, em vez de parecer estar à beira da morte, ela só parecia ter sido atropelada por um bando de mulas.

As ondas batiam nos pés de Annabeth e a ajudavam a relaxar, mas ela ainda sentia certa inquietação pelo encontro com Serápis... uma vibração no corpo, como se todos os ossos tivessem virado diapasões.

— Você mencionou um nome — lembrou ela. — Setne?

Sadie torceu o nariz.

— Longa história. É um mago do mal que voltou à vida.

— Ah, odeio quando pessoas do mal voltam à vida. Você disse… que o deixou livre?

— Ah, eu e meu irmão precisávamos da ajuda dele. Na época, não tivemos muita escolha. De qualquer modo, Setne fugiu com o Livro de Thoth, a coleção de feitiços mais perigosa do mundo.

— E Setne usou a magia para despertar Serápis.

— Faz sentido. — Sadie deu de ombros. — O monstro crocodilo que meu irmão e seu namorado enfrentaram um tempo atrás, o filho de Sobek… Eu não ficaria surpresa se fosse mais um dos experimentos de Setne. Ele tenta combinar magia grega

e egípcia.

Depois do dia que elas tiveram, Annabeth queria colocar o boné de invisibilidade, entrar em um buraco e dormir para sempre. Já tinha salvado o mundo vezes suficientes. Não queria pensar em outra potencial ameaça. Mas não podia ignorá-la. Ela tocou na aba do boné do Yankees e tentou entender por que a mãe o havia devolvido naquele dia, com a magia restaurada.

Atena parecia enviar uma mensagem: *Sempre haverá ameaças poderosas demais para serem enfrentadas de frente. Seus dias de discrição não terminaram. Você precisa seguir com cuidado.*

— Setne quer ser deus — disse Annabeth.

O vento que vinha do mar ficou frio de repente. Tinha menos cheiro de ar fresco marinho e mais de ruínas queimadas.

— Deus… — Sadie tremeu. — Aquele coroa, excêntrico e magrelo, de tanga e cabelo de Elvis. Que pensamento horrível.

Annabeth tentou visualizar o homem que Sadie descrevia. Mas logo decidiu que não queria fazer isso.

— Se o objetivo de Setne é a imortalidade — disse Annabeth —, despertar Serápis não vai ser seu último truque.

Sadie riu, mas sem humor.

— Ah, não. Ele só está brincando com a gente agora. O filho de Sobek… Serápis. Eu apostaria que Setne planejou os dois eventos só para ver o que aconteceria, como os semideuses e magos reagiriam. Ele está testando magia nova, e nossas capacidades, antes de fazer sua verdadeira aposta pelo poder.

— Ele não tem como fazer isso — disse Annabeth, esperançosa. — Ninguém consegue se tornar deus só com feitiços.

A expressão de Sadie não foi tranquilizadora.

— Espero que você esteja certa. Porque um deus que sabe magia grega e egípcia, que consegue controlar os dois mundos… não consigo nem imaginar.

O estômago de Annabeth deu um nó, como se estivesse aprendendo uma nova posição de ioga. Em qualquer guerra, um bom planejamento era mais importante do que apenas poder. Se o tal Setne havia orquestrado a batalha de Percy e Carter com aquele crocodilo, se havia planejado o despertar de Serápis para que Sadie e Annabeth fossem levadas a lutar contra ele… Um inimigo que planejava tão bem seria muito difícil de deter.

Ela enfiou os dedos na areia.

— Serápis disse outra coisa antes de desaparecer: *vocês nunca vão obter a coroa*. Achei que era uma metáfora. Depois lembrei o que ele havia dito sobre Ptolomeu I, o rei que tentou se tornar deus…

— A coroa da imortalidade — relembrou Sadie. — Talvez um *pschent*.

Annabeth franziu a testa.

— Não conheço essa palavra. *Shent?*

Sadie soletrou.

— Uma coroa egípcia, parece mais um pino de boliche. Não é um belo acessório de moda, mas o *pschent* dava ao faraó poder divino. Se Setne está tentando recriar a magia de fazer deuses do velho rei, aposto cinco libras e um prato dos pãezinhos queimados da vovó que está tentando encontrar a coroa de Ptolomeu.

Annabeth decidiu não aceitar a aposta.

— Temos que impedi-lo.

— Certo. — Sadie bebericou o Ribena. — Vou voltar para a Casa do Brooklyn. Depois de bater no meu irmão por não me contar sobre vocês, semideuses, vou botar nossos pesquisadores para trabalhar e ver o que podemos descobrir sobre Ptolomeu. Pode ser que a coroa dele esteja em algum museu por aí. — O lábio de Sadie se curvou. — Apesar de eu *odiar* museus.

Annabeth passou o dedo na areia. Sem perceber, ela desenhou o hieróglifo de Ísis, o *tyet*.

— Também vou pesquisar. Meus amigos no chalé de Hécate podem saber alguma coisa sobre a magia de Ptolomeu. Talvez eu possa convencer minha mãe a me aconselhar.

Pensar na mãe a deixou inquieta.

Naquele dia, Serápis esteve prestes a destruir tanto Annabeth quanto Sadie. Ameaçou usá-las como portais para atrair Atena e Ísis e acabar com elas.

Os olhos de Sadie estavam agitados, como se ela estivesse pensando a mesma coisa.

— Não podemos deixar Setne continuar com essas experiências. Ele vai destruir nossos mundos. Temos que encontrar essa coroa, senão…

Ela olhou para o céu, e sua voz falhou.

— Ah, minha carona chegou.

Annabeth se virou. Por um momento, achou que o *Argo II* estava descendo das nuvens, mas esse era um tipo diferente de barco voador: uma pequena barca de junco com olhos pintados na proa e uma única vela branca com o símbolo *tyet* desenhado.

Ela parou delicadamente depois da arrebentação.

Sadie se levantou e tirou a areia da calça.

— Quer uma carona para casa?

Annabeth tentou imaginar um barco daqueles navegando até o Acampamento Meio-Sangue.

— Hã, não precisa. Posso voltar sozinha.

— Você que sabe. — Sadie colocou a mochila no ombro e ajudou Annabeth a se levantar. — Você disse que Carter usou hieróglifos para ajudar seu namorado. Tudo bem, tudo ótimo, mas prefiro ficar em contato direto com você.

Annabeth deu um sorrisinho.

— Você está certa. Não dá para confiar nos garotos quando se trata de comunicação.

Elas trocaram o número de celular.

— Mas só ligue se for urgente — avisou Annabeth. — Celulares atraem monstros.

Sadie pareceu surpresa.

— É mesmo? Nunca reparei. Acho que não devo mandar *selfies* com caras engraçadas pelo Instagram, então.

— Melhor não.

— Bom, até a próxima.

Sadie deu um leve abraço em Annabeth.

Annabeth ficou um pouco surpresa ao ganhar um abraço de uma garota que tinha acabado de conhecer, uma garota que podia muito bem ter visto Annabeth como inimiga. Mas o gesto a fez se sentir bem. Annabeth aprendeu que, em situações de vida ou morte, as pessoas podiam fazer amizade rapidamente.

Ela deu um tapinha no ombro de Sadie.

— Tenha cuidado.

— É difícil.

Sadie subiu no barco, que partiu para o mar. Surgiu uma neblina do nada, que ficou densa ao redor da embarcação. Quando a neblina sumiu, o navio e Sadie Kane tinham desaparecido.

Annabeth ficou olhando para o oceano vazio. Pensou na Névoa, no Duat e em como eles estavam ligados.

Mais do que tudo, ela pensou no cajado de Serápis e no uivo que o cachorro preto dera quando ela o perfurara com a adaga.

— Não foi meu futuro que eu destruí — garantiu a si mesma. — Eu faço meu futuro.

Mas, em algum lugar por ali, um mago chamado Setne tinha outros planos. Se Annabeth queria detê-lo, tinha que se preparar.

Ela deu meia-volta e saiu andando pela praia, rumo ao leste, iniciando a longa jornada de volta ao Acampamento Meio-Sangue.

LEIA UM TRECHO DE

O sangue do Olimpo

I

JASON

JASON DETESTAVA SER VELHO.

Suas juntas doíam. Suas pernas tremiam. Enquanto ele tentava subir a colina, seus pulmões chiavam como um motor velho.

Ele não podia ver o próprio rosto, mas os dedos estavam retorcidos e ossudos. Veias azuis e inchadas formavam teias nas costas de suas mãos.

Ele tinha até aquele cheiro de velho: naftalina e canja de galinha. Como isso era possível? Ele tinha ido dos dezesseis aos setenta anos em questão de segundos, mas o cheiro de velho chegara em um instante, tipo *bum*. Parabéns! Você fede!

— Estamos quase lá. — Piper sorriu para ele. — Você está indo muito bem.

Era fácil falar. Piper e Annabeth estavam disfarçadas de lindas jovens criadas gregas. Mesmo com o vestido branco sem mangas e as sandálias estilo gladiador, elas não tinham problemas em seguir pela trilha rochosa.

O cabelo cor de mogno de Piper estava trançado e preso em um coque. Braceletes de prata enfeitavam seus braços. Ela parecia uma estátua antiga de sua mãe, Afrodite, que Jason achava um pouco intimidadora.

Namorar uma garota bonita já era bem estressante. Namorar uma garota que era filha da deusa do amor… Bem, Jason sempre ficava com medo de cometer algum deslize que deixasse a mãe de Piper com raiva a ponto de, do alto do Monte Olimpo, transformá-lo em um porco selvagem.

Jason olhou para o alto da colina. Ainda faltavam uns cem metros até o cume.

— Isso foi uma péssima ideia. — Ele se apoiou no tronco de um cedro e enxugou o suor da testa. — A magia de Hazel é boa demais. Se precisarmos lutar, não vou servir para nada.

— Não vai chegar a esse ponto — prometeu Annabeth.

Ela parecia desconfortável em seu traje de criada. Não parava de levantar os ombros para evitar que o vestido escorregasse. O coque no alto de sua cabeça tinha se desfeito, e seu cabelo louro caía por suas costas como compridas pernas de aranha. Sabendo de seu ódio pelos aracnídeos, Jason achou melhor não comentar isso.

— Vamos nos infiltrar no palácio — disse ela —, conseguir a informação que queremos e cair fora.

Piper pôs no chão sua ânfora, o grande jarro de vinho de cerâmica em que sua espada estava escondida.

— Podemos descansar um segundo. Recupere o fôlego, Jason.

Sua cornucópia, o chifre mágico da fartura, estava presa à cintura; sua adaga, Katoptris, enfiada em algum lugar entre as dobras de sua roupa. Piper não parecia perigosa, mas, em caso de necessidade, poderia lutar com duas lâminas de bronze celestial ou atirar mangas maduras na cara de seus inimigos.

Annabeth tirou sua ânfora dos ombros. Ela também levava uma espada escondida; mas, mesmo sem ter uma arma visível, parecia mortal. Seus olhos cinzentos e tempestuosos examinavam o local, alertas a qualquer ameaça. Se algum sujeito convidasse Annabeth para sair, Jason achava mais provável que levasse um chute no *bifurcum*.

Ele tentou controlar a respiração.

Lá embaixo, a Baía de Afales brilhava, a água tão azul que parecia tingida de corante. Lá estava o *Argo II,* ancorado a algumas centenas de metros da orla. De longe, suas velas brancas pareciam selos; seus noventa remos, palitos de dente. Jason imaginou os amigos no convés acompanhando seu progresso, se revezando com a luneta de Leo, tentando não rir ao ver o vovô Jason se arrastando colina acima.

— Ítaca idiota — murmurou ele.

Aquele lugar devia ser muito bonito. Havia uma serra com picos cobertos de florestas que serpenteava pelo meio da ilha. Penhascos de calcário mergulhavam no mar. Pequenas baías formavam praias rochosas e enseadas onde casas de telhados vermelhos e igrejas de estuque branco se aninhavam à beira-mar.

As encostas eram pontilhadas de papoulas, açafrão e cerejeiras silvestres. A brisa tinha o cheiro de murtas em flor. Tudo

muito lindo… exceto a temperatura de quase quarenta graus e o ar úmido como o de uma casa de banho romana.

Teria sido fácil para Jason controlar os ventos e subir a colina voando, mas *nãããão*. Para evitar chamar atenção, tinha que se arrastar como um velho com joelhos fracos e fedor de canja de galinha.

Ele pensou sobre sua última escalada, duas semanas antes, quando ele e Hazel tinham enfrentado o vilão Círon nos penhascos da Croácia. Pelo menos na época Jason contava com toda a sua força. O que estavam prestes a enfrentar seria muito pior que um bandido.

— Tem certeza de que esta é a colina certa? — perguntou ele. — Parece tudo meio… não sei… *quieto.*

Piper observou o cume. Havia uma pena de harpia azul-clara trançada em seu cabelo, uma lembrança do ataque da noite anterior. A pena não combinava muito com seu disfarce, mas Piper a havia conquistado ao derrotar sozinha um bando inteiro de senhoras-galinhas demoníacas durante seu turno de guarda. Piper minimizara o feito, mas Jason sabia que ela estava orgulhosa do que fizera. A pena era um lembrete de que ela não era a mesma garota do inverno anterior, quando eles chegaram pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

— As ruínas estão lá em cima. Eu vi na lâmina da Katoptris. E vocês ouviram o que Hazel disse: "A maior…"

— "A maior reunião de espíritos malignos que eu já senti" — completou Jason. — É. Parece bem legal.

Depois de tudo por que tinham passado para atravessar o templo subterrâneo de Hades, a última coisa que Jason queria era lidar com mais espíritos malignos. Mas a missão estava em risco. A tripulação do *Argo II* precisava tomar uma decisão muito importante. Se tomassem a decisão errada, iriam fracassar, e o mundo inteiro seria destruído.

A adaga de Piper, os sentidos mágicos de Hazel e os instintos de Annabeth concordavam: a resposta estava ali em Ítaca, no antigo palácio de Odisseu, onde uma horda de espíritos malignos tinha se reunido para aguardar as ordens de Gaia. O plano era se infiltrar entre eles, descobrir o que estava acontecendo e decidir o que fariam a seguir. Depois sair dali, de preferência vivos.

Annabeth reajustou seu cinto dourado.

— Espero que nossos disfarces funcionem. Os pretendentes eram figuras asquerosas quando estavam vivos. Se descobrirem que somos semideuses…

— A magia de Hazel vai funcionar — afirmou Piper.

Jason tentava acreditar.

Os pretendentes: cem dos homens mais perversos, cruéis e gananciosos que já existiram. Quando Odisseu, rei de Ítaca, desapareceu após a Guerra de Troia, esse bando de príncipes de segunda classe invadiu seu palácio e se recusou a sair. Todos eles tinham esperanças de se casar com a rainha Penélope e assumir o reino. Odisseu conseguiu regressar em segredo e matar todos eles — uma festa básica de boas-vindas. Mas, se as visões de Piper estivessem certas, os pretendentes estavam de volta, assombrando o palácio onde haviam morrido.

Jason não podia acreditar que estava prestes a visitar o verdadeiro palácio de Odisseu, um dos heróis gregos mais famosos de todos os tempos. Mas, afinal, toda aquela missão consistia em um acontecimento extraordinário atrás do outro. Annabeth tinha acabado de voltar das profundezas do Tártaro. Levando isso em conta, Jason achou que deveria parar de reclamar por ser um velho.

— Bem… — Ele se firmou com seu cajado. — Se eu estiver *parecendo* tão velho quanto me sinto, meu disfarce deve estar perfeito. Vamos continuar.

Enquanto subiam, o suor escorria por seu pescoço. Suas panturrilhas latejavam. Apesar do calor, ele começou a tremer. E por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar em seus sonhos recentes.

Desde a Casa de Hades, os sonhos haviam se tornado mais vívidos.

Às vezes Jason estava parado no templo subterrâneo em Épiro, com o gigante Clítio assomando sobre ele, falando em um coral de vozes: *Foi preciso todos vocês juntos para me derrotar. O que farão quando a Mãe Terra despertar?*

Outras vezes Jason estava no cume da Colina Meio-Sangue e Gaia se erguia do solo, uma figura formada por um turbilhão de terra, folhas e pedras.

Pobre criança. A voz dela ressoava ao longe, fazendo trepidar o chão. *Seu pai é o primeiro entre os deuses, mas mesmo assim você está sempre em segundo lugar — em relação aos seus camaradas romanos, aos seus amigos gregos e até mesmo em sua família. Como pretende provar seu valor?*

Seu pior sonho começava no pátio da Casa dos Lobos, em Sonoma. Juno estava parada diante dele, reluzindo com o brilho de prata derretida.

Você me pertence, trovejou a voz da deusa. *Um presente de Zeus.*

Jason sabia que não deveria olhar, mas não conseguia fechar os olhos enquanto Juno virava uma supernova, revelando sua verdadeira forma divina. A dor cauterizava a mente de Jason. Seu corpo ia se desintegrando em camadas, como se fosse uma cebola.

A cena mudava. Jason ainda estava na Casa dos Lobos, mas era um garotinho de no máximo dois anos. Havia uma mulher ajoelhada a sua frente e um perfume de limão familiar. Seus traços eram indefinidos, mas ele reconhecia sua voz: clara e delicada, como a mais fina camada de gelo sobre um riacho.

Vou voltar para buscar você, querido, dizia ela. *Logo, logo estaremos juntos*.

Sempre que Jason despertava desse pesadelo, seu rosto estava coberto de suor. E lágrimas ardiam em seus olhos.

Nico di Angelo tinha avisado: a Casa de Hades iria fazê-los reviver suas piores lembranças, os faria ver e ouvir coisas do passado. Seus fantamas ficariam inquietos.

Jason tinha esperado que aquele fantasma em especial permanecesse escondido, mas a cada noite o sonho ficava pior. Agora ele estava subindo até as ruínas de um palácio onde um exército de fantasmas havia se reunido.

Isso não significa que ela *estará lá*, disse Jason a si mesmo. Mas suas mãos não paravam de tremer. Cada passo parecia mais difícil que o anterior.

— Estamos quase lá — disse Annabeth. — Vamos…

BUM! A encosta tremeu. Em algum lugar além do cume, uma multidão comemorou, como espectadores em um coliseu. O som fez a pele de Jason se arrepiar. Não fazia muito tempo que ele havia lutado pela própria vida em um coliseu romano diante de uma empolgada plateia fantasmagórica. Ele não tinha a menor vontade de repetir a experiência.

— O que foi essa explosão?

— Não sei — disse Piper. — Mas parece que eles estão se divertindo. Vamos lá fazer amizade com alguns mortos.

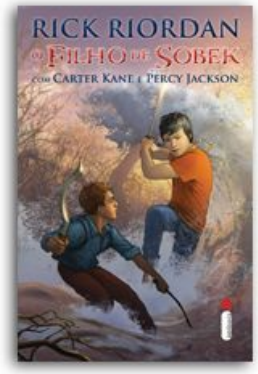
SOBRE O AUTOR

© Michael Frost



Rick Riordan nasceu em 1964, nos Estados Unidos, em San Antonio, Texas, e hoje vive em Boston com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os olimpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina a bem-sucedida série *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo.

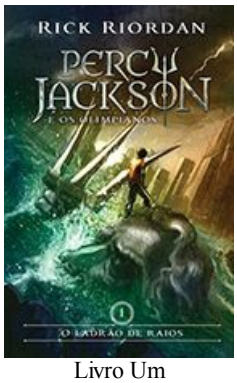
SAIBA MAIS SOBRE AS SÉRIES DO AUTOR



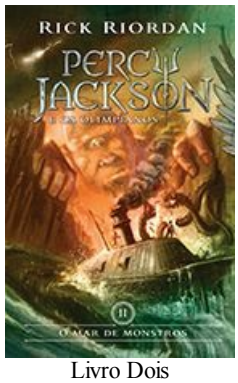
O filho de Sobek

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

Conheça os livros da série



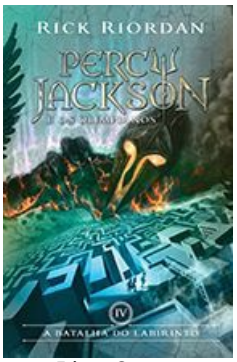
Livro Um



Livro Dois



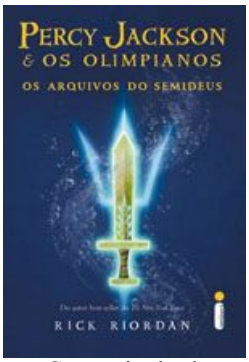
Livro Três



Livro Quatro

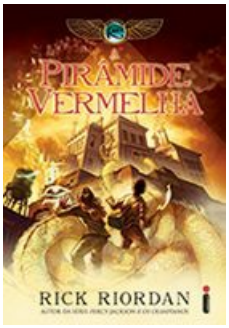


Livro Cinco



Companion book

Conheça os livros da série



Livro Um

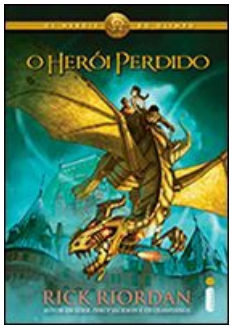


Livro Dois



Livro Três

Conheça os livros da série



Livro Um



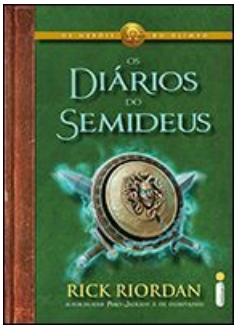
Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Companion book

TÍTULOS RELACIONADOS



Os forasteiros
Michelle Paver



O espelho do tempo
Catherine Fisher



A torre invisível
Nils Johnson-Shelton